

Diário de Lisboa

Número avulso: 30 CENTAVOS

Administrador e editor

MANZONI DE SEQUEIRA

ADMINISTRAÇÃO — Rua da Rosa, 57, 2.

Endereço Telegrafico: DIBOA

DIRECTOR

JOAQUIM MANSO

SECRETARIO DA REDACÇÃO

ALVARO DE ANDRADE

Propriedade da RENASCENÇA GRAFICA

Redacção, composição e impressão

RUA LUZ SORIANO, 48

TELEFONES / Direcção: T. 152

Redacção: T. 153 e 154

Endereço telegrafico: DIBOA

ESTE NUMERO FOI VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

ENCONTRA-SE já nas livrarias o novo trabalho de Brito Camacho — *Gente Bôer*, editado por Guimarães & Ca.

Pode-se dizer que encerra o relato, feito em linguagem limpa, das relações de Portugal com a União Sul-Africana, durante o tempo em que o autor exerceu o cargo de alto comissário de Moçambique.

E' difícil escrever com mais simplicidade e sugestão. A questão da convenção e tudo que se refere as pretensões do general Smutz é apresentado de modo a mostrar como foram tendenciosos — malevolos ou estúpidos? — os que, tanto em Africa como em Portugal, combateram o dr. Brito Camacho.

Da leitura da *Gente Bôer* deduz-se facilmente que ha um certo jornalismo — "imprensa estercoraria de Lourenço Marques, com repercussão na imprensa similar de Lisboa", como se lê na pagina, 7, ao alto — que tudo sacrifica a paixões impuras, recusando-se a aceitar o testemunho da verdade, mesmo na sua expressão patriótica.

* * *

OSR. Mussolini recebeu ha dias, em Florença, a aristocracia italiana. Ao serem apresentadas ao "duce", em vez de se fazerem anunciar pelos seus títulos nobiliarquicos, algumas senhoras tiveram a ideia original de acrescentarem ao nome de familia a designação do numero de filhos que tinham dado á luz. Assim, por exemplo: "Maria Teresa Ricasoli, seis filhos.", — "Nora Giucciardini, sete filhos.", — "Maria Francisca Corsini, quatro filhos.."

Esta formula de apresentação foi muito apreciada por Mussolini, que felicitou as prolíferas damas em termos calorosos.

Alguns jornais recordam, a proposito, que até ha pouco tempo as familias numerosas não eram muito frequentes na aristocracia italiana, fazendo votos para que a nobreza siga o exemplo das classes medias, a fim de conseguir que a Italia seja "prospera, poderosa, admirada e temida.."

* * *

DEVE ser publicado em breve o decreto que nomeia o sr. coronel Silveira e Castro comissário do governo na Exposição Colonial de Paris de 1931. A escolha do illustre official, que dirigiu com tanto brilho a representação de Portugal na Exposição de Sevilha, foi bem recebida nos meios coloniais.

* * *

ANTIGO chefe do governo espanhol, D. Juan Allendesalazar, fez a sua entrada na Real Academia de Belas Artes de S. Fernando, pronunciando um discurso a que a imprensa espanhola fez elogiosas referencias.

* * *

POR dificuldades que á ultima hora surgiram, já não se realiza a reunião que um grupo de judeus convocara para hoje, entre os membros da colonia israelita, e na qual devia tratar-se da recente medida do governo inglês, que proibiu a emigração para a Palestina.

A Exposição Colonial de Paris

O simples nome do marechal Lyautey como comissário geral da exposição colonial de Paris, é garantia bastante dum exito triumphal. Uma visita ao Bosque de Vincennes, onde centenas de operarios estão trabalhando afanosamente na construção dos pavilhões, verdadeiros palacios — alguns, basta para nos convencer de que o grande colonial era a pessoa indicada para tal empreendimento.

Com um pouco de imaginação, a um ano de distancia da abertura da exposição, já se pode avaliar a obra definitiva. As côres estão ainda na paleta, mas o desenho, por mais esqueletico que seja em alguns casos, já dá uma ideia perfeita da reconstituição grandiosa que ali se prepara.

A situação é magnifica, perto do lago, no sitio mais pitoresco do Bosque. Nem uma unica arvore foi abatida, nem um unico ramo destruido. Por entre a folhagem, nas clareiras, surgem edificios estranhos, palacios exóticos, pagodes, torres bizarras!

Caminha-se sobre a relva fresca, elastica e, bruscamente, uma catedral de pedra cinzenta surge perante os nossos olhos. Estamos em pleno Cambodge. A Catedral, quasi terminada, não é outra coisa senão o templo Angkor-Vat — maravilha da arte Khemere: Quatro enormes cupulas, cinzeladas quasi até á loucura, dominadas ao centro por uma especie de Panteon que quasi as aniquila, do alto dos seus quinze metros. E' um verdadeiro grito de força e verdade. A «patine» dos seculos, as fendas produzidas pelo tempo e pelo desnivelamento do solo, e esse agradável curvar das linhas que marca tão nobremente a velustez, tudo se nota com uma tal perfeição que diríamos desmoralizadora.

Copia? E' verdade. Trabalho que custou 12 milhões de francos e que deve ser destruido, uma vez fechada a exposição. Para se fazer obra duradoura, em pedra, seriam necessarios trinta milhões, 7 anos de trabalho e a illusão não seria perfeita. Teríamos um Angkor em pedra branca, sendo precisos muitos seculos para se cobrir dessa admiravel «patine» que o «staff» tão inteligentemente nos dá. As pinturas, em frisos de côres vivas, representam dançarinas, exibindo alguns milhares de penteados diferentes!

A opulencia e delicadeza deste monumento dão uma ideia do que seria a admiravel civilização dos Khemeres que brilhou desde o nono ao décimo quarto seculo da nossa era, e que desapareceu perante a invasão dos Thai — antepassados dos siamenses actuais.

Ao lado da Indo-China apparece-nos a Africa do Norte, com a sua mesquita arabe, os seus bazares, os seus jardins floridos. A Tunisia apresenta uma villa branca, de linhas sóbrias, reflectindo todo o encanto do Oriente.

Madagascar terá a sua «Cité», com um palacio sumptuoso, lembrando as antigas habitações dos scterosos «Hovas» e pequenas casas feitas de rafia, de madeira, com os techos cobertos de côrmo, como os habitantes das costas sabem construir.

Togo, Camerum, Martinica, as ilhas do Pacifico, todas as regiões distantes onde flutua a bandeira francesa serão evocadas na exposição. Haverá aldeias indigenas com as suas palhotas e as suas cabanas. Sob o olhar curioso do europeu, viverão ali populações diferentes, vindas de muito longe, fazendo a sua vida habitual, segundo os seus usos e costumes.

Os barcos do lago serão substituidos por pirogas, e em estufas apropriadas crescerão as mais belas flores da Indo-China. As festas nauticas, desportivas, os desfiles militares que se preparam e as canções e danças indigenas devem tornar o panorama prodigioso, realizando assim o sonho de cada um de nós.

Da Africa, da Oceania, de todas as colonias francesas vão chegando fantasticas cargas de tesouros. Destinam-se ao Museu permanente cujo palacio já está quasi concluido, e que ficará sendo o monumento da gratidão francesa aos grandes colonizadores cujos nomes serão gravados na pedra. A fachada é extraordinariamente bela. E' necessario ter visto cantar o sol sobre o gigantesco baixo relêvo que a domina e onde os tigres, as serpentes e as arvores se entrelaçam com uma furia majestosa e quasi sublime.

* * *

Todos os outros países coloniais serão representados na exposição de Vincennes. Alguns pavilhões já se levantam altaneiros ao lado das construções francesas. A Belgica, apesar de estar preocupada neste momento com as suas exposições de Anvers e Liege, vai apresentar-se em Paris com todo o esplendor devido á sua potencia colonial.

A Italia vai dar-nos um incomparavel espectáculo de arte. Sabe-se que Septimio Severo natural da Lybia, quiz fazer da sua terra natal — Leptis Magna — a capital do Imperio romano. Chegou mesmo a transportar de Roma algumas das melhores obras de arte grega. São esses admiraveis pedaços da estatuaría antiga assim como uma basilica, mandada construir por Septimio Severo e que as ultimas escavações puzeram a descoberto, que nós vamos admirar na secção italiana da exposição. Mussolini não hesitou perante a reprodução fiel da Basilica que lhe oferece, mais uma vez, um feliz pretexto de confrontar a Roma do passado com a de hoje.

E Portugal? Vimos de facto um pequeno terreno com a indicação do nome do nosso País. Mas sabemos tambem que nada se fez ainda no sentido de dar começo aos trabalhos. E é preciso que a nossa representação seja digna do nosso imperio colonial e do nosso passado como nação colonizadora.

Fômos a Sevilha — e muito bem — por uma questão de sentimento e de raça. Temos o nosso pavilhão em Anvers por espirito de solidariedade com a Belgica. Mas não devemos faltar em Paris, porque aqui faremos obra de propaganda perante o mundo inteiro, e marcaremos o lugar que nos compete no concerto das potencias coloniais.

IRENE DE VASCONCELOS

OS medicos argentinos — alguns deles, pelo menos — não receberam com entusiasmo a visita do dr. Asuero. As discussões têm sido temerosas e os conflitos pessoais bastantes.

A «Sociedade Legal de Toxicologia» processou-o, por não haver feito o registo do seu titulo na «Faculdade de Medicina de Buenos Aires». No entanto, o dr. Asuero, imperturbavel e confiado na justiça da sua causa, deixa passar a tempestade. Muitos são já os individuos que se dizem curados por ele. Estes não se cansam de gritar:

— Asuero é um portento!

Os scepticos riem-se-lhe na cara, afirmando:

— E você é um parvo!

Não é comodo conciliar a humanidade, quando, como agora, estão em jogo paixões e interesses que não cedem á razão nem á persuasão.

* * *

FOI publicado, rectificado, o decreto de Maio ultimo, determinando que o curso profissional do Asilo D. Maria Pia seja considerado habilitação sufficiente para a matricula nos cursos de construções navais e civis dos institutos industriais, de condutores de maquinas da Escola Naval e de arquitectura, escultura e pintura das escolas belas artes.

* * *

PUBLICAMOS na terceira pagina o plano do Grande Concurso das Figuras Ilustres e Factos Notaveis da Historia de Portugal, que o *Diário de Lisboa* realizará em breve e para o qual contamos com premios numerosos e valiosos.

* * *

CONCLUIU brilhantemente as suas provas para o posto de general o sr. coronel Almeida Arez, uma das figuras mais prestigiosas do nosso Exercito e uma das competencias mais solidas em assuntos coloniais.

* * *

LIVROS novos, ainda frescos da tinta de impressão: — *Almas em Flor*, contos de Cesar de Frias; *A Dor e a Ternura*, novelas de João Grave, da Academia das Sciencias de Lisboa.

Breve nos ocuparemos tanto dum como de outro.

* * *

PARA proceder ao estudo da ponte sobre o Tejo, no Montijo, foi nomeada uma comissão composta pelos srs. José Abecassis, Frederico Cambournac, Ferreira de Mesquita e Zuzarte de Mendonça.

* * *

POR se ter reconhecido que a casa José Pinto da Cunha & Sobrinho, do Porto, pratica operações de credito que a lei proíbe, foi determinado que a referida casa não possa exercer durante sessenta dias a industria de cambista.

* * *

DE acordo com a reforma do ensino tecnico, ultimamente promulgada, foram hoje publicados os quadros do pessoal das escolas industriais e comerciais.

Radiotonia

Programas escolhidos

Lisboa, C. T. 1 A. A. (3185 m.), às 21,30:
1.ª parte. — Retransmissão da conferência do sr. dr. Fidelino de Figueiredo, na sala «Algarve», da Sociedade de Geografia, acerca da Propaganda da Marinha.

2.ª parte. — Abertura da ópera «Fátima», Florentino, pela Orquestra Sinfónica de Bimalla, Halevy, pela Orquestra Sinfónica Dr. B. Bardi; «Matineta», Leoneavallo, tenor Richard Tauber; «Momento Musical», Schubert, trio Rosé; «Serenata», Tosselli, tenor Richard Tauber; «Serenata», Schubert, trio Rosé; «Sanson e Dalila», Saint-Saens, soprano Conchita Supervia; «Sonho de Valsa», Strauss, Orquestra Uníverso; «Rigoletto», «Pari-stamo», Verdi, barítono Balarini; «Aria», Bach, para violoncelo, A. Levy; «Rigoletto», «Cortigiani», Verdi, barítono Balarini; «Le Cygne», Saint-Saens, para violino, A. Levy; «Petites suites», «Ballet» e «Enbateau», Debussy, pela Orquestra Sinfónica Paris Mtro. Gloez; «Quere que lhe quere», cântico, «Cantigas da terra: «Valsa Triste», Sibellus, pela Orquestra Dajos Bella; Canto de pandeiro, de Mahi, cântico, «Cantigas da Terra»; «Chant Hindou», Rimsky-Korsakow, pela Orquestra Dajos Bella.

3.ª parte. — «Chiquita», valsa, tenor Mateus Mocho; «Fado Aida», Leonor Duarte; «Os teus olhos», tango, tenor Mateus Mocho; «O teu olhar», Leonor Duarte; «Variações em mi menor», guitarra, Torres Marques; «A dor do Fado», Felipe Pinto; «Variações sobre o Fado Robles», guitarra, Torres Marques; e «O beijo», Felipe Pinto.

4.ª parte. — «Voy pa viejo», tango, pela Orquestra Catulo-Castillo; «Hochzeit der Winde», valsa, pela Orquestra Sinfónica Uníverso; «Caminito al Teller», tango, pela Orquestra Catulo-Castillo; e «Rasination», valsa, pela Orquestra Sinfónica Uníverso. (Com discos «Odeon».)

Do estrangeiro

A's 11,00, de Madrid (424,3 m.): Recital de canto (St.-Saens, Thomas, Falla, Nin. Rossini, Wagner). A's 22,00: Seleção de uma zarzuela.

A's 19,20, de Torre Eiffel (1.415,8 m.): «Le beau Léon», de Théodore de Banville. Edgard et sa bonnie, de Labiche.

A's 19,35, de Paris P. T. T. (417 m.): Difusão da sessão e concertos na Sorbonne promovidos pelo «Comité nacional de defesa contra a tuberculose». Discursos, música da Guarda republicana, monólogos, canções, melodias, etc.

A's 19,45, de Rádio-Paris (1.721,1 m.): Concerto (Schubert, Schumann, Drigo, etc.).

A's 19,45, de Londres-National (1.554,4 e 261,3 m.): Recital de piano (Joseph Gungl).

A's 20,00, de Rabat (116,4 m.): Concerto (Lott, Beethoven, Pétas, Planquette, etc.). A's 21,10: Danças modernas (Page, Penso, Albaniz, Berger, etc.).

A's 21,30, de Tolosa-Radio 681 (381 m.): Operetas (Léhar, Graunachstode, Mercier), Orquestra viçense (Lavilla, Ackermann, Hermite, etc.). Música militar (Spiero, Farbach, Strauss, etc.).

A's 21,05, de Barcelona (349 m.): Concerto de orquestra (Franco, Bosca, Aaden, Ambrosio, etc.).

A's 21,15, de Milão (539,8 m.): Música de câmara (Chopin, Sandra, Fuga, Pratiella).

A's 21,25, de Londres-Regional (356,3 m.): Concerto de orquestra e canto (Ladov, Tschalkowsky, Saint-Saens, Rossini, Brooke, Barry, etc.).

A's 21,10, de Argel (363,6 m.): «L'accident», comédia num acto de Henri Duvernois.

RESTAURANT VALMOR

Completamente remodelado

Azenhas do Mar
HOTEL BELA-VISTA
Curas de repouso
PREÇOS REDUZIDOS
TELEF. N. 3155
e Praia das Maças, 10

Grande Hotel d'Italia
Mont'Estoril

OLIMPIA CLUB

SENSACIONAL ESTREIA

"Ballet Kalsky"

4 bailarinas e 1 bailarino

Surpreendentes bailados russos

Jantares á americana: Sopa, 3 pratos, doce, fruta e café: Esc. 10\$00.

CAMBIOS

14 de Junho

NOTAS ESTRANGEIRAS

PRACA	Compra	Venda
Londres	108\$20	108\$40
Paris	887,5	888
Madrid	2863	2872
New-York	22816	22820
Zurich	4829	4832
Roma	1816	1817
Bruxelas	861,5	862,2
Amsterdão	8830	8836
Berlim	5830	5832
Praga	885,5	886,2
Rio de Janeiro	2835	2850

A NOIVA DO SOL

NA SUA CASA

ENTRE MAR E JARDIM

IMPRESSÕES DO MONTE ESTORIL
EXTRAIDAS DO CADERNO DUM ESTRANGEIRO
ENCONTRADO NA PRAIA POR UM PESCADOR

Vivam os Campos Elisios de Portugal! Salvé sol peninsular prestidigitador do milagre — Artista em cor e miragem. Salvador da fé e da Saúde!

* * *

Foi numa destas tardes musicais da primavera que resolvi voltar ao Monte Estoril para passar três dias. Fiquei três semanas e estou na disposição de ficar três anos, no fim dos quais, talvez seja necessário adiar mais uma vez a partida.

A Riviéra Portuguesa encontra-se pouco mudada nestes últimos tempos, felizmente. Nem a ansia dos melhoramentos tem modificado o encanto primitivo dos passeios para a Boca do Inferno, Praia do Guincho e dos Banhos Romanos e o geral aspecto tão rustico como artistico desta encantadora Estância, cujas proprias vilas dão a impressão de ter crescido como as suas arvores, as suas palmeiras e as suas flores, e não feitas pelas mãos dos homens.

* * *

Lindo Monte Estoril — jardim montanhoso deliciosamente vestido de cores, tão opulento de interessantes paisagens e docemente beijado pelo mar azul! Flor de beleza, simpática terra do meu coração onde o sol anda em festa todo o inverno e a vida decorre bem.

Cheguei com pouca bagagem — 2 malas, quatro livros e a minha inseparável «Remington Portátil», de cuja utilidade cada vez me convenço mais. Sinto-me bem, não desejo nada, nem conversas.

Conto entre os meus amigos: o pobre cão vadio «Bill», conhecedor de melhores dias; os risinhos passarinhos que me chamam á janela de madrugada para o seu almoço, e uma ou outra alma iluminada da raça humana. Não sei porque não há mais gente aqui... Em todo o caso vai chegando. Quando saio a passear não

encontro originaes com os sobretudos as costas ocupando a rua inteira. Há sempre espaço para mim tambem.

E disseram-me em Lisboa «mas deve ser tão frio para os lados do mar. Como pode encontrar-se aí bem? Deve haver tanto vento e tão pouca gente!» E muitas outras banalidades que a gente das cidades, sempre metida em casa costuma dizer.

Ora esta, com o frio que faz no Monte mesmo no inverno pode passear em plena praia em fado de banho. O vento é tal que se pode acender um charuto a cinco metros do quebrar das ondas. Existe, sim, uma brisa frescura que dá vontade de viver mil anos. Pouca gente, mas toda ela de aspecto simpático elegante de espiante como a terra que pisar. Distraem-se com a pintura, fotografia, tennis e passeando enquanto outras passam divertidas horas a escrever nas suas «Remington Portáteis», que hoje em dia fazem parte integral de todas as bagagens.

Quem poderá sentir contrariada num tal paraíso? Apenas um doente. Pois doentes não há senão os recém-chegados, e estes mesmos são condenados á saúde depois de três dias de lá estarem.

Que indiseritivel beleza e fantastica coragem e sublimidade atmosferica se espalha no ambiente na madrugada! O pôr do Sol! O dealbar! O missa dos Rouxinóis! Aquela transcendente visão luminosa das aguas cristalinas no fim da tarde! Parece uma terra divina nascida de uma imensa aleluia do universo e eternamente festejada pelos prodigiosos fantasmas do bem. E ás vezes de noite, fitando a vastidão do espaço onde as estrelas cantam oratorias magestosas ao Infinito, eu fico imaginando que após o Juizo Final um dos locais escolhidos para o deleite das almas boas e simples ha-de ser Monte Estoril.

R. S.

Automovel Club de Portugal

Informamos os nossos consocios e todos os automobilistas, que a partir de 1 de Julho passará a vigorar a seguinte tabela para os triptycos e «Carnets de passages en Douane» (documentos necessários para os automoveis de Turismo passarem fronteiras).

TRIPTYCOS

(Só passados aos socios do A. C. P. — Validade um ano).

O preço por triptyco será de 15\$00 para cada paiz em vez de 35\$00.

CARNETS DE PASSAGES EN DOUANE

Valido pelo prazo de um ano indistintamente para os seguintes paizes: Alemanha, Austria, Belgica, Luxemburgo, Brasil, Bulgaria, Dinamarca, Egypto, Espanha, Estonia, Finlandia, França, Algeria, Marrocos, Tunisia, Inglaterra, Grecia, Holanda, Hungria, Irlanda, Italia, Tripolitania, Letonia, Lituania, Noruega, Polonia, Portugal, Romania, Servia, Suecia, Suissa e Tcheco-Slovacia.

Preço para os socios: 80\$00 em vez de 125\$00.

Preço para automoveis de aluguer: (Mediante apresentação de qualquer socio) 125\$00 em vez de 300\$00.

Para automoveis particulares cujos proprietarios não sejam socios do A. C. P. mas apresentados por qualquer socio: 300\$00.

Certificados internacionais de condução

Para os socios 35\$00 em vez de 62\$00.

Para automoveis de aluguer 55\$00 em vez de 100\$00.

Para automoveis particulares pertencentes a individuos que não sejam socios do A. C. P. 120\$00.

Esta importante redução na Tabela de preços actualmente em vigor tem por fim não só dar o maior numero possível de regalias aos nossos consocios como facilitar a saída para o estrangeiro dos automoveis de aluguer concorrendo assim o A. C. P. para o desenvolvimento do Automobilismo e do turismo internacional.

A Direcção

Mundanismo

Aniversarios

Fazem amanhã annos as sr.ªs:

D. Maria Luiza Patricio da Cunha Matos, D. Maria de Lourdes Hopffer Ruêda, D. Leonor Archer da Silva e D. Joaquina de Castello Branco.

Os sr.ªs:

D. Manuel de Sequeira Bramão, dr. Caetano Francisco Maria da Silva Beirão, Francisco Perfeito de Magalhães Villas Boas, Antonio Kendall Ramos de Magalhães, Antonio de Sampaio Dart Costa, Fernando de Moraes Amado Humberto Felício Vecchi e Valentim Duarte Pinto.

Diplomas

A «matinée» realizada ontem, na elegante residência da sr.ª D. Regina Lafayette de Carvalho e Silva e do sr. dr. Lafayette de Carvalho e Silva, encarregado dos Negocios do Brasil em Portugal, festejando o aniversario de sua filha Rosa Maria, excedeu toda a nossa expectativa, alcançando a revistinha, em dois actos, «Era uma vez...», original do sr. Ruy Correia Leite, interpretada por uma notavel e perfeita companhia de revista feérica em miniatura, um exito colossal, exito que, decerto, não poderá ser excedido, nem talvez igualado.

A representação foi feita num pequeno palco, artisticamente guarnecido por um lindissimo frizo de bonecos, pano de damasco vermelho e cenário de cortina de veludo, que oferecia um aspecto verdadeiramente amoroso.

«Era uma vez...» é um trabalho simples, mas

feito com critério, ao qual os minusculos interpretes deram verdadeiro realce, fazendo todas as suas rabulas com intuição.

Todos os numeros da revistinha foram deffinatamente aplaudidos pela selecta assistência, que enchia por completo o vasto salão de recepção da elegante residência a S. Mamede, sendo obrigados a bis, e alguns como «D. Chica e o sr. Pires, desempenhados pela menina Rita Moraes de los Rios de Castro e José Alen de Vasconcelos «Chevalier e Yvonne Valée», a cargo das meninas Rita Moraes de los Rios de Castro e Maria Amelia Moraes de los Rios Froes, e «Dança Moderna», pela menina Maria Amelia Moraes de los Rios Froes, foram triados, tendo neste ultimo, nas duas repetições, apparecido tambem a dançar a menina Teresa Moraes de los Rios Froes, criança de três annos, que imitou todos os passos do bailado realizado por sua irmã, feitos com uma extraordinaria graciosidade, causando uma verdadeira sensação.

Devido á falta de espaço, teremos que ser breves nestas notas de reportagem, não se podendo fazer referencia especial a cada numero de canto e dança, fazendo-se apenas referencia aos de maior exito.

Na parte declamada são dignos de nota os «compêres» Maria Teresa Ferrão de Castello Branco e Ruy Moraes de los Rios Leitão, o «Papaagalo», por Luis Filipe de Abolm Quental, e o «Sinaletro», por Miguel Duarte de Sampaio Forjaz Trigueiros, que foram inextinguíveis de graça e de um grande «á vontade», dándonos a perfeita illusão de actores consagrados nesse género de teatro.

Antes de terminar estas linhas, não posso deixar de frisar o trabalho dos ensaladores, a brilhante artista Beatriz Costa e o dançarino Alberto, a primeira nos numeros declamados e cantados e o segundo nas danças, que concorreram para o extraordinario exito da festa.

No final da revista, o autor, com toda a Companhia, no pequeno palco armado no salão de recepção, leu uns lindissimos versos de homenagem aos donos da casa, a quem a selecta assistência fez uma vibrante ovacão.

No intervalo do primeiro para o segundo acto, foi servido um finissimo «Chá».

Atinda uma pequena referencia á indumentaria que era verdadeiramente encantadora e riquissima, como nunca se viu em palcos portugueses e estrangeiros; não só em riqueza como sobretudo em bom gosto. Um bravo, pois, a todos que concorreram para a lindissima festa, a mais brilhante deste anno.—D. Nuno.

Nascimentos

Deu ontem á luz uma criança do sexo masculino a sr.ª D. Alice Marques Soares Barbosa, esposa do nosso amigo sr. José Barbosa. Mãe e filho encontram-se bem.

A Caridade

No São Luis-Cine

Em vista dos inumeros pedidos que foram feitos, resolveu a comissão, de accordo com a Empresa A. Ramos Limitada, repetir a interessante revistinha «Era uma vez...», na noite de segunda-feira, para a qual está já aberta na bilheteira de São Luis Cine a marcação de lugares.

No Nacional

A'manhã, realiza-se, neste teatro, uma interessante «matinée» d caridade, cujo produto se destina a favor da Associação Protectora da Primeira Infancia, e na qual tomam parte, gentilmente, as sr.ªs D. Laura Chaves, D. Berta Borges, D. Berta Passos Costa e os sr.ªs Jorge Passos Costa, João Maria Blanch de Abreu Mota, Guilherme Anjos de Magalhães, os artistas D. Amelia Rey Colaço, Robles Monteiro, Vasco Santa'Ana e as discipulas de Madama Britton's, abrindo o espectáculo por algumas palavras pronunciadas pelo sr. dr. Augusto Lobo Alves.

Os poucos bilhetes que restam estão desde já á venda no camaroteiro do teatro Nacional.

CASA DE SAUDE DE BENFICA

MEDICINA E CIRURGIA

Rua do Buarque Galvão, 54 — Tel. B. 65

ESTA CASA DE SAUDE está situada em um extenso parque, a dez minutos do centro da cidade. Local privilegiado pelos seus bons ares e absoluta tranquillidade. Optimas instalações. Diarias desde 60 esc., sem quaisquer taxas supplementares. Curas dietéticas. Curas de repouso em amplas galerias voltadas ao sul. Serviço medico permanente. Serviços organizados para qualquer intervenção cirurgica, de dia ou de noite. Não se recebem doenças contagiosas ou mentais.

A ENCERADORA

Unica casa no genero em todo o paiz

Este acreditadissimo estabelecimento, situado na Avenida da Republica, 47 E e 47 F, Lisboa, de que são proprietarios os Srs. Joaquim Lopes e Francisco Bento, que constituem a firma JOAQUIM LOPES & BENTO, LTDA, está modelarmente montado e apetrechado com todo o material moderno, de forma a executar em qualquer ponto do Paiz, por preços modicos, todos os trabalhos da sua especialidade com a maxima perfeição, encarregando-se de aplainar, raspar, polir e encerrar nas diversas cores e em todas as madeiras, soalhos, mobilias, lambrins, corrimões, portas, alisares, etc.

Modificam soalhos de taboa larga para estreita (systema Inglês), imitação a parquets, reparação completa em mobilias e polimentos em todos os generos.

Todos os trabalhos são proficientemente dirigidos pelos proprietarios da referida casa, os quaes, devido á sua longa pratica e grande esforço no sentido de bem servirem todos os seus clientes, tem conseguido desenvolver e aperfeiçoar ao maximo a sua industria, tendo por essa forma feito não só em Lisboa como na provincia, milhares de trabalhos em casas particulares, Ministerios, Hospitais, Bancos, Companhias, Teatros, Cinemas, Vapores, Hotéis, Escriptorios, Legações de varios paizes e muitas outras casas commerciaes, e conservado assim a sua presada clientela.

Para este fim dispõe a ENCERADORA d'um grande numero de pessoal disciplinado e habilmente habilitado a fazer todos os trabalhos da sua especialidade com a maxima perfeição, devendo todas as pessoas, por esse motivo, quando porventura necessitem dos seus trabalhos, incumbir, sem receio, esta casa de os fazer, pois os seus proprietarios não só garantem a sua perfeição e acabamento, como tomam inteira responsabilidade pelo seu pessoal, enviando orçamentos sem dispendio algum para os clientes para qualquer ponto do Paiz.

Tambem no sentido de bem servirem os seus estimaveis clientes e o publico em geral, lançaram no mercado um producto especial denominado "ENCERITE", (liquido e em pomada), o melhor e mais economico preparado tanto nacional como estrangeiro que até hoje appareceu no mercado, para encerrar soalhos, mobilias, lambrins, parquets, oleados, mosaicos, corticites, etc., assim como a "ENCERITE", (Vermelha), destinada exclusivamente para corticites e cimentos da mesma côr.

Este magnifico producto que se encontra á venda em todas as Drogarias e outros Estabelecimentos, não contém quaesquer substancias corrosivas, e conserva todas as madeiras e encerados com um brilho esplendido, tendo sido tão bem acolhido no mercado e pelo publico, que n'um tão curto espaço de tempo conseguiu alcançar uma venda de milhares de latas por mez, estando assim bem espalhado e acreditado não só nas Cidades e Vilas do Paiz, como propriamente nas Ilhas e em Africa.

Experimentar a "ENCERITE", é preferir-a imediatamente a todos os outros productos similares nas coisas indispensaveis a um ménage bem organizado.

Os proprietarios da ENCERADORA agradecem todas as visitas ao seu estabelecimento, onde tem exposto á venda todos os artigos destinados a limpeza domestica, e atendem rapidamente todos os pedidos por escripto ou pelo Telefone Norte 5615.

Companhia da Fabrica de Cerveja

Jansen, Ltd.

A mais antiga e acreditada fabrica de cerveja do Paiz

Marcas: PILSENER PRETA MUNICH MARÇO

Rua do Alecrim, 30 - LISBOA

TELEFONE, T. 4318

Vendas para todos os pontos do paiz

Os Estabelecimentos Jeronimo Martins & Filho previnem os seus clientes que, sem qualquer aumento de preço, continuam a fazer, pelos seus «camions», a distribuição directa aos domicilios, em toda a linha de Cascais, de todos os pedidos que lhe sejam confiados

As compras que os nossos clientes de Cintra e Cascais nos fizerem serão entregues gratuitamente em seus domicilios nos dias 5 e 15 de cada mês

JERONIMO TAVARES DA SILVA

Rua da Prata, 273 a 288

MANUEL TAVARES DA SILVA JUNIOR, LTD.

Rua da Betesga, 60 a 73

TAVARES DA SILVA, LTD.

Praça Luis de Camões, 33

LACTICINIA DE LISBOA de JERONIMO TAVARES, LTD.

Rua da Prata, 249 a 255

A BARATEIRA

Este novo estabelecimento que recentemente abriu as suas portas ao publico, e que dia a dia está ganhando uma numerosa clientela devido á variedade enorme dos seus artigos e ao preço de concorrência que vem fazendo, justificando assim o nome que os seus proprietarios lhe deram. Tem pois «A BARATEIRA» secções de Figueiro e Rouparia, sortido em gravataria, lenços, meias, peugas, atalhados, colchas e cobertores.

SEMPRE NOVIDADES

Colossal sortido em panos brancos, enfiados para lençoes, riscados, cotins, flanelas, tecidos de algodão e seda.

Divisa da casa — GANHAR POUCO PARA VENDER MUITO
CASCAES

Rua Palmeira e Avenida Valbom

Farinhas e pão ralado. Pão fino e de família
PADARIA TABOENSE
CASTANHEIRA & JORGE, L. DA
R. Regimento Dezanove, 10 e 12 CASCAIS
Especialidade em pão, fino parisiense e bolos. Distribuição aos domicilios por pessoal competente

MATIAS & DAVID, LDA.
Praça Costa Pinto, 20 e 22 — CASCAIS
TELEFONE 126 — ESTORIL
Variado sortido de vinhos, licôres, xaropes, azéites, etc. — Depositarios da casa Abel Pereira da Fonseca, Lda. e Fabrica de Cerveja «Estrela» — Cerveja para revenda ao preço da fabrica — Deposito de Gelo.

Farmacia Santos, successor
ESPECIALIDADES — NACIONALES — ESTRANGEIRAS E PERFUMARIAS
RUA JOSÉ ELIAS GARCIA, N.º 21
— CASCAES —

Padaria Lusitania
de JOSÉ QUARESMA DINIZ
Rua do Largo do Poço Novo
Fabrico esmerado de pão com o maximo acido

J. J. DA SILVA CARDOSO
Esmaltes vidros, luças de Sacavem, etc.
Material Electrico e Instalações — Oficina de Latoaria
Executam-se trabalhos de construção civil e canalizações
Rua Visconde da Luz, 28 e 29 — Rua Borges Barruncho, 9 — Rua Regimento Dezanove, 25 e 27 — CASCAES

ARMAZEM DE MERCEARIA
Calç. da Ajuda — 1.º 44 Belem
SUCURSAL EM CASCAIS
R. Visconde da Luz, 41 a 49
MANUEL DA SILVA TORRADO & C.ª (IRMAOS)
Vinhos, azéites, LISBOA 43, Campo das Cebolas, 45
cereais e legumes
Telef. 1695 Central

Dr. Marques Ribeiro
CLINICA dentaria. Dentes artificiais em todos os sistemas. Consultas aos domingos, terças e sextas-feiras, das 2 as 6 horas da tarde. Rua Latino Coelho.
Chalet Santa Rita
Cascais

Cervejaria Estrela CASCAES
Deposito da esplendida cerveja «Estrela», engarrafada e caneca com aperitivo ao sensacional preço de 1\$500. Grande sortido de pastelaria, Vinhos, Licôres, Tabacos, Chá, Cacaú, Café e Leite, Bolachas, Biscoitos — Sempre fresca ou gelada — Faça uma visita a Cervejaria Estrela

Telef. 47 — ESTORIL
Figueiredo & C.ª (Irmão)
Sucursal — PINHAL NOVO
Fabricas de Lacteos em Cascaes de Santam e Paredes de Tondela (Distrito de Vizeu)
MANTEIGA CONSERVADORA
Sede: 39, L. da Assunção — CASCAIS

Cascareira, L. da
AVENIDA VALBOM
CASCAES
Especialidades em chás e cafés, vinhos, conservas, jornaes, tabacos e illustrações. A Cascareira, Lda, que ha pouco abriu ao publico, vende todos os artigos que anuncia a preços modicos

A COMERCIAL
de Henrique Salustiano Lourenço
Alameda dos Combatentes da Grande Guerra, Letra A B C D E F
e Rua Visconde da Luz, 54 A — CASCAIS — Telefone 52 Cascais
Generos de mercearia de 1.ª qualidade.
Especialidade em chá, café, vinhos finos e de pasto, licôres, tabacos, legumes, cereaes, conservas nacionais e estrangeiras.
Possue magnifica Cave para a conservação dos seus generos.

EDITAL
A Camara Municipal de Cascais faz publico, que, na sessão de 16 do corrente mês, se procederá ao concurso da adjudicação do fornecimento da seguinte quantidade de contadores de agua do tipo ventoinha:
200 contadores de 12 mjm
50 " " 15 mjm
20 " " 20 mjm
Para ser admitido ao concurso é necessario efectuar na Tesouraria desta Camara o deposito provisorio de 800\$00 até ás 15 horas do dia do concurso.
As condições do concurso estão patentes na Secretaria desta Camara todos os dias uteis das 11 ás 15 horas.
E para constar se afixou este e outros identicos nos logares publicos do Concelho.
Cascais, 3 de Junho de 1930.
O PRESIDENTE DA COMISSÃO ADMINISTRATIVA,
a) Amílcar Mario de Jesus

Manteigaria Triunfante
Telefone T. 420
A. Figueiredo, Limitada
Especialidade em manteigas do continente e ilhas — Conservas e queijos nacionais e estrangeiros — Carnes fumadas das melhores procedencias, etc. — Unicos representantes da Manteiga Triunfante
262, Rua da Prata, 264 LISBOA

PADARIA FLO: AVEIRENSE
— DE —
Sisnando Nunes da Silva
Fabrico especial com esmero
Rua dos Navegantes, 124
(Defronte da Egrejinha) CASCAIS
Encontra-se tambem á venda neste estabelecimento. Assucar, Café, Chá, Ovos, Rebuçados, etc.
Venda aos domicilios

Prensas Marmonier
para lagares
Fusos em aço com rosca trapezoidal. Os melhores e mais simples, fabrico especializado.
Ha em armazem todos os tamanhos.
Esmaçadores para uvas.
Bombas para trasfega de vinhos.
ENVIAM-SE TABELAS
Pedidos a **INDUSTRIAL — Antonio Hipolito — TORRES VEDRAS.**

A Caridade

Em Sintra

Ha em Sintra uma instituição de assistência particular, a «Associação de Caridade de Sintra», que, pela actividade e dedicação dos seus corpos directivos, muito tem feito em benefício dos pobres do concelho, muito tem contribuído para a hygiene e revigoramento das crianças de Sintra e freguesias limítrofes.

A «Associação de Caridade de Sintra», — um sôho de bondade, que a alma de eleição do seu presidente, dr. José Pereira Ferraz, com o seu carinhoso interesse pela hygiene e bem-estar das criancinhas pobres e doentes do concelho, transformou numa realidade indiscutível, é hoje, após 5 anos de existência, pela sua finalidade e pelo seu desenvolvimento, a mais benéfica instituição de caridade do concelho de Sintra.

Ao dr. Ferraz, á sua intensa e desinteressada dedicação pela causa da hygiene e assistência social, bem como ao valioso auxilio da pleiade illustre dos seus colaboradores, se deve o impulso que a Associação tem dado ao fim para que foi criada, ou seja:

1. — Socorrer os necessitados, dando-lhes o amparo moral e material de que necessitam.
2. — Interessar-se pela protecção e assistência aos doentes, criancinhas, orfãos, grávidas e velhos, pobres.
3. — Auxiliar outras instituições de beneficência.

4. — Promover por todos os meios ao seu alcance a melhoria das condições físicas, materiais e morais da raça, e colaborar em tudo o que tenha como fim o progresso de Sintra e do País.

Pode dizer-se que os esforços dispendidos pelos dirigentes da Associação e seus colaboradores em — «em cinco anos de grande combate pela necessidade de vencer a inércia de uns, a má vontade de outros e a indiferença de um grande numero» — são compensados, não só pela consciencia de um dever cumprido, dever de humanidade e de carinho para com os renegados pela sorte, como também pela alegria scintillante que resplandece dos olhares reconhecidos e limpidamente candidos das criancinhas que a Associação protege e ampara.

E bem intensa é essa alegria, que aos habitantes e frequentadores de Sintra é patenteada quando, em época propria, os electricos — generosamente postos á ordem da Associação pela Companhia Sintra Atlantico — replictos de criancinhas, as conduzem á Praia das Mações, onde, graças aos esforços de meia dúzia de benemeritos, elas vão receber o banho quotidiano, em que, no ar lodado que junto ao mar respiram, elas recebem um pouco de tonico para os seus pulmões atrofiados.

COMES FERREIRA

A semana musical

a favor dos músicos desempregados

Vai realizar-se brevemente a Semana Musical, que tem por fim angariar donativos para a constituição da Caixa de Auxilio aos Músicos Desempregados. Constará de concertos nos cafés da Baixa, dum grande baile num dos melhores salões da capital, com seis orquestras que tocarão alternadamente, dum concerto sinfonico, com musica classica e moderna, etc.

A comissão organizadora conta já com a adesão do tenor José Rosa, das orquestras dos clubs Maxim's, Bristol, Monumental e Olympia e de varios teatros e cinemas.

Viana da Mota aplaudiu a ideia, oferecendo também a sua colaboração.

Os planos são cedidos gentilmente pelas casas de musicas. Os cafés Chave d'Ouro, Gelo, Nacional e Italia acederam ao pedido que lhes dirigiu a comissão.

A venda dos programas nos dias das festas será feita pelas alunas do Conservatorio, e o programa será illustrado por Jorge Barradas.

Na "Voz do Operario"

Organizado pelo consocio sr. Mario Campos, realiza-se no dia 22, no salão de Festas da Sociedade «A Voz do Operario», um festival de Propaganda, ao qual deram a sua colaboração o professor de canto sr. Artur Trindade e os seus alunos: sr.ª D. Elvira Garrido, Mario, D. Amélia Melo, D. Isaura Garrida, e o sr. José Morgado Mauricio, sendo os acompanhamentos ao piano feitos pela pianista sr.ª D. Olga Fragata. Colaboram também o «Duo» de baile constituído pela sr.ª D. Fernanda Castazio Lapa e o sr. Mario Gonçalves.

Amadores de Musica

Na Academia de Amadores de Musica realiza-se na proxima segunda-feira, ás 21 e 30, a audição de discipulos que frequentam as classes deste estabelecimento escolar, o mais importante conservatorio particular do país.

Como nas anteriores audições, apresentam-se alunos dos cursos elementares e superiores de Canto, Piano, Violino, Violoncello, Solfejo, etc., regidos pelos professores Julio Almada, Erminia Alagárim, Carmelina Borba, Ilda Carneiro, Eduardo Liborio e Maria da Luz Antunes.

UMA ESTANCIA DE TURISMO

CASCAIS

numa visão medieval

animada pelo lapis de Gustavo Doré

O privilegiado e requintado espirito que foi Oscar Wilde, escrevendo originalmente em paradoxos, não fez mais do que integrar-se num principio de antiteses que formam a bem dizer o ponto principal das coisas. Sim! a vida em todas as suas multiplas manifestações, é quasi toda de pontos antipodas de assuntos contrarios.

Tudo este arrasado vem o proposito de um falso aforismo que diz: «a Cascais uma vez e nunca mais» nada mais falso, mais erroneo do que esta asserção: a Cascais uma vez e nunca mais... se deixará de lá ir. Assim, sim; assim é que está certo, tal a sua beleza, tal o seu encanto, que destrói, que pulverisa o descabido conceito.

Cascais, praia predilecta da sociedade elegante, antiga residencia da familia real, cheia de recordações e de saudades, evocando um passado da mais requintada nobreza, ufanando-se dos seus pergaminhos, tem a par de belas e aristocraticas edificações algumas estilizadas em assustos portugueses, o seu sumptuoso Museu Municipal que na sua bizarra arquitectura é uma maravilha de bom gosto. A antiga e artistica residencia do Conde de Castro Guimarães, legada por este titular, com todo o seu precioso recheio á Camara Municipal de Cascais, para esta fazer dela o seu Museu, é como uma concepção de sonho; consubstanciar em si, na sua esplendorosa traga, uma reminiscência, fortemente condimentada de aventuras épicas da meia idade, qualquer coisa de cavalheirismo historico e lendario da Tavola Redonda.

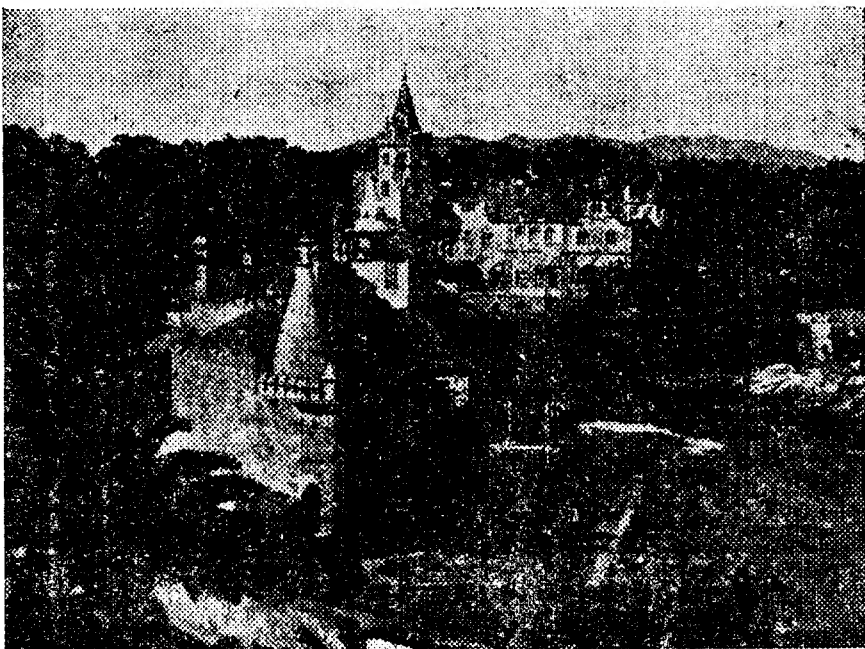
Cascais liga com a famigerada Boca do Inferno por uma linda estrada. Nesta região de um ineditismo de beleza, ha qualquer coisa de dantesco. Cascais e os Estoris nos seus inextinguíveis encantos, são bem um Cen; enquanto ao aproximarmos-nos da Boca do Inferno, sentimos uma completa transformação de scenario, uma verdadeira metamorfose. Primeiro, em céu infinitamente azul, lençuido e voluptuoso confundindo-se com o verde esmeraldino do mar, enquadrados na sua exuberantissima e luxuriante ve-

getação. Depois, bruscamente, inopinadamente, terreno agreste e escaldado, lapis de Doré a vincar indelevelmente a tenebrosidade das torvas regiões do Averno: crispções de dôr, presagio e tragedia. Assim a fama de que gosa esta unica região do Globo, unica no seu genero: simultaneamente suavidade e diafeneidade de aguarela e traço negro de carvão de agua forte: Belo esplendente — arrebatador de encanto; Belo horrivel; — demoniaco e terrificante.

Cascais, progredindo dia a dia mercê da sua patriotica comissão Administrativa, que tem como seu illustre presidente o sr. Amílcar Mario de Jesus, figura de acentuado relevo nesta terra, afirma-se digna do seu passado conquistando assim inumeraveis simpatias em todos os seus inumeros visitantes e banhistas, que ali vão encontrar uma praia que bem se pode classificar de modelar.

Cascais, como não poderia deixar de ser, também não tem descuidado a sua parte de assistência medica e assim ultimamente instalou ali o sr. dr. Marques Ribeiro, illustre clinico odontologico, um bem montado e apetrechado consultorio de profese dentaria, apto a servir proficientemente todos os habitantes e banhistas da Costa do Sol. A este nosso amigo desejamos, como bem merece, um bom exito na sua iniciativa. Casas comerciais também Cascais as ostenta dignas de figurarem num grande meio. Entre estas mencionamos ao calhar, a firma «A Barateira», esplendido estabelecimento, montado no coração de Cascais e de molde a poder satisfazer com o seu colossal sortido de fazendas em todos os generos, tanto a sua clientela rica como pobre. Ainda «A Commercial» do sr. Henrique Salustiano Lourenço modelar estabelecimento de mercearia e especiaris, possuindo uma magnifica cave para conservação dos seus generos, a recomendamos gostosamente aos nossos leitores.

Assim, Cascais como outrora, nos tempos faustos da Corte é ainda hoje uma magnifica e linda praia e frequentada por uma clientela bastante seleccionada.



Museu Municipal — Cascais

SORTE GRANDE!

18 3.000.000\$00

vendidos na casa

Campião & C.

Rua do Amparo, 116 -- LISBOA

Tauromaquia

Amanhã no Campo Pequeno

O jovem Manuel Casimiro, nêto do cavaleiro do mesmo nome e filho do popularissimo José, recebe alternativa das mãos de seu pai, amanhã, no Campo Pequeno.

A ascendencia do novo cavaleiro, que os «aficionados» conheceram de tenra idade, e as provas dadas em honesta aprendizagem que justifica o acto de amanhã, bem merece que nos ocupemos hoje da



MANUEL CASIMIRO

alternativa de Manuel Casimiro. E a melhor forma de o fazermos foi ouvir o novo cavaleiro.

— Então, absolutamente decidido a doutorar-se?

— E' verdade. E creia que duvidei entre este doutoramento e o outro que meu irmão José está fazendo em Coimbra, onde estuda medecina.

Eu ainda conclui o sétimo ano do curso dos liceus mas não insisti porque a minha vocação era toda para os touros.

— E para os cavalos...

— Para o toureiro, a cavallo ou a pé.

E vem a confidencia da reclusão que Manuel armou na recente «dentia» dos «ganaderos» srs. Coimbra, toureando de capote todas as vacas que saíam para o pátio.

— E o Fernando?

— O «centrao» não fica atraz, e monta todos os nossos cavalos, toureando em qualquer.

Nova confidencia de Manuel:

— Eu admiro muito o meu pai, e até já tentei imitar a maneira do meu irmão José. Mas desisti porque o meu temperamento é outro, mais calmo. O que não consinto é que digam que tenho medo dos touros porque no dia em que o tivesse, deixava de tourear. Isto mesmo ouvi ontem ao pai dos «Bienvenidas» proposito de certos comentarios.

— Gosta dos «Bienvenidas»?

— Muuissimmo! Esses pequenos são uns toureiros muito grandes! Ontem, ao ouvir o Rafael, tão pequeno e tão toureiro, até chorei. E o Pepe, que habilidade! E já têm uma «finca» cada um.

— Você também ha-de ter a sua «finca».

— Eu? Em Portugal, quem nasce sem «finca», fica sem «finca» para toda a vida...

Curso Juridico de 1908-1910

A festa de confraternização que o curso juridico de 1908-1910 vai realizar em Coimbra, nos proximos dias 5 e 6 de julho, comemorando o 20.º anno da sua formação, promete, como nas anteriores, revestir grande interesse pela organização que a respectiva comissão promotora está preparando.

Deste curso fazem parte figuras de grande destaque no nosso meio, como os dres. Domingos Feres Vital, Antonio Carneiro Pacheco, Antonio da Fonseca, Namada Curto, Antonio Bourbon, etc.

Estas reuniões dão sempre a Coimbra uma nota curiosa, em que, a par da solidariedade entre antigos condiscipulos, ha também nelas como que o reviver dos tempos ali passados e da tradição que tanto enobrece a cidade do Mondego.

A comissão em Coimbra é composta pelos advogados Eduardo Miranda e Vasconcelos e Antonio Lopes Quaresma, a quem podem dirigir-se todos os seus condiscipulos.

A mortalidade infantil

O professor sr. Correia dos Santos realiza amanhã, ás 13 e 30, na Universidade Popular de Setúbal secção da Universidade Popular Portuguesa, uma conferência sobre o tema «Mortalidade infantil», sendo livre a entrada.

Chá das cinco

Correr a pólvora

Em Lisboa, e em honra dos Santos populares, está-se correndo a pólvora num entusiasmo semelhante aquele com que o fazem os árabes, ainda que por forma e intenção diferente.

Nestas últimas noites, e até de dia, corre a pólvora por Lisboa, pólvora seca que nem por se-lo deixa de ser uma «seca». E não há mais remédio que tapar ou ouvidos.

Mas se somos obrigados a passar por uma rua onde os beduínos lisboetas corram a pólvora, não nos basta tapar os ouvidos e temos também que correr a pólvora, isto é, que correr adiante da pólvora.

Se da bicha de rabiir se trata, melhor será não correr para que ela nos não persiga; se a gracinha passa a estalinho da Índia, basta correr para o passeio fronteiro; mas se passa da Índia para bomba, recomenda-se a fuga para a China.

No Sul ainda é pior—dirão os algarvios—porque em Faro atinge a graça de correr a pólvora proporções de verdadeira desgraça.

E, pensando nesta circunstância de se agravar o problema no Sul, ocorre-me explicar o facto com os vestígios dos árabes que, no seu derradeiro reduto, deixaram o gosto por correr a pólvora.

Mas logo um amigo do Norte me lembrou que são de Viana do Castelo os nossos melhores pirotecnicos.

E eu fui corrido com os meus eruditos argumentos acerca desta tradição de correr a pólvora.

Do que não duvido, porém, é de que se trata duma tradição barbara...

ROGERIO PEREZ

2.º PREMIO... 600.000\$00

Bilhete inteiro e certo

vendido na feliz taboleta das escatinhas Merca Tudo

TEATRO DO GIMNASIO

AVISO—Em virtude de terem faltado os cenários, a estreia da Companhia Berta de Bivar-Alves da Cunha e a primeira representação da peça

HENRIQUE IV

ficaram adiadas para a próxima Quarta-feira, 18, definitivamente—Bilhetes à venda

Royal Cine (Sonoro)

R. da Graça, 100 — Tel. N. 6791

HOJE—Às 21 1/2 horas

CONCHITA PIQUER continua cantando com enorme êxito em

Alma Andaluza

CONDES

A maior maravilha do CINEMA SONORO

O DESPERTAR

Oiga a canção MARIE

NO SAO LUIS

PREMIO DE BELEZA

O verdadeiro triunfo do Cinema Sonoro

duas sessões

TEATRO AVENIDA

às 8 3/4 e 10 3/4

O MELHOR TEATRO! A MELHOR COMPANHIA! A MELHOR REVISTA!

Peça sem pernografias

A BOLA

U espectáculo das famílias

PREÇOS POPULARÍSSIMOS: Galeria, 2850 — Geral, 4800 — Plateia de 7800

TEATRO MARIA VICTORIA

DUAS SESSÕES às 8,30 e 10,30

PREÇOS POPULARES

A Rainha das Revistas

PE' DE VENTO

Concluiu a defesa

tendo come

o ad
de AdriFerreira Junior
ouvindo a sua defesa

Às 12 e 35 recomeça o sr. dr. Campos Coelho a defesa de Ferreira Junior. Na bancada de defesa poucos advogados. O sr. dr. Armelino Junior, sempre o primeiro a chegar, pela primeira vez não está à hora.

O banho às notas falsas

—Provei na última sessão que as acusações sobre Ferreira Junior, no que respeita aos contratos, que em parte dactilografou copiando-os do original já dactilografado—o que tudo ele próprio lealmente confessou—estão desfeitas. Provei que Ferreira Junior não interveio nesse acto, como interventor de um crime, mas naturalmente, com toda a sua boa fé de um empregado que obedece.

E' esta a síntese da primeira declaração do advogado.

Vai referir-se à lavagem das notas, na qual se quiz dar Ferreira Junior como conhecedor do crime.

—A acusação retira importância a esse acto; eu, lealmente, não aproveito esse argumento a favor da defesa. Eu dou importância. Eu não fujo a essa análise.

Diz a seguir:

—Os factos deste processo não podem ser apreciados isoladamente. V. Ex.ª, srs. juizes, têm que apreciar os actos, não apenas materialmente, mas pelo ambiente da época, e não pelo nosso ambiente de hoje, em que se sabe tudo o que não se sabia em 1925. Na época em que se congeminou a falsificação e a burla, tudo levava a certeza de que havia um contrato sério, um contrato autentico em que interviam entidades oficiais, membros do governo, da finança, das Colonias, um Alto Comissário.

E clama:

—Como poderia supôr Ferreira Ju-

nior então que tantos homens se juntavam para uma «tratantada»? Como poderia supôr Ferreira Junior que um homem como Waterlow pudesse ter realizado uma obra de estampanaria, de extrema gravidade e melindre, sendo a base dessa obra um contrato falso? Era este o ambiente em que centenas de pessoas de situação e categoria viveram, no convencimento da verdade de um contrato clandestino, a favor de Angola. Foi este o ambiente em que Ferreira Junior viveu como empregado de Alves Reis, e até como pessoa que conhecia a verosimilhança de um emprestimo, do qual havia ha muito pronunciamentos sérios.

Prossegue:

—Vieram as notas, que não foram feitas em nenhuma quinta de aldeia, às escondidas. Foram feitas na casa que habitualmente as fabricava para o Banco de Portugal. A chegada das notas veio confirmar, para Ferreira Junior, a ideia, nem sequer hesitante no seu espirito, da autenticidade do contrato, da verdade das assinaturas e da lisura da emissão clandestina. As notas começam a correr. Inundam o país. O Banco não estranha tantas notas de quinhentos. O Banco desmente as notas falsas. E Ferreira Junior e os co-reus continuam a não ter motivo senão para ver que Reis falava sempre verdade.

"Por causa do publico"

Depois:

—Diz a acusação: «mas estes homens não se admiraram que Reis manejasse tanto dinheiro?» Não. Outras pessoas, que desconhecem uma emissão, podiam estranhar. Ferreira Junior, sabendo que havia uma emissão clandestina, que, por isso mesmo, teria de ser secreta, não tinha que extranhar que Reis lidasse com tanto dinheiro.

E o sr. dr. Campos Coelho, com energia:

—A acusação particular veio dizer ao tribunal que Reis mandára banhar as notas «por causa do Banco de Portugal». Não! Não! Não consta isso dos autos. Nunca constou. Reis nunca disse isso a Ferreira Junior, ou o outro qualquer co-reu que a lavagem era por causa do Banco. Não. Era por causa do publico!

E explica:

—Não é a mesma cousa. «Por causa do publico», era explicação lógica. Para o publico não desconfiar de uma emissão secreta. Essa é que era a razão dada por A. Reis, logica para todos verosimil, até necessaria. As notas foram lavadas não para o Banco não se aperceber da emissão, mas para o publico não se aperceber da missão clandestina do Banco!

O sr. dr. Campos Coelho passa em revista factos em que se prova, o que já está provado—diz—que Alves Reis manteve os seus meios enganatorios para os co-reus, até o fim.

E volta a insistir:

—Dentro dos processos enganatorios, era, sim, por causa do publico. Porque o publico deu pelas notas falsas primeiro do que o Banco!

Lê a conhecida comunicação da Agencia do Banco, em Aveiro, para a sede, acerca dos boatos das notas falsas. O agente de Torres Vedras diz mesmo que na sua zona constava circular em notas falsas de quinhentos. Que já não as recebiam nas feiras. E o Banco negou que houvesse estas notas.

—Era este o ambiente em que Ferreira Junior vivia, como empregado de Alves Reis. Toda a gente desconfiava menos o Banco, e não afirmo isto com o proposito de atacar o Banco. Como é

VIGESIMA TER

OS

Estamos na segunda parte do Depois dos grandes factos—a sagens de fronteira, da avalanche grande mundo, das justicas do Pr. com suas riquezas e seu deslumbre

Depois da grandeza desta cothanhas—meia duzia de factositos A pagina que se dactilografou,

para o Porto, notas que se lavaram Neste complicado caso—depois

Entrou a humildade ha dois di Ao reu Ferreira Junior, criado q

no Silva, farrapo de saude, famul Ao dr. Campos Coelho, que h

sado, atropelado pelo relógio, sua experimentado, mais senhor de si

O tribunal escuta. Os juizes v Dezenas, centenas de factos conti

feita de acontecimentos deslumbra soas que não fossem juizes.

Mas os juizes—a quem toda lando, premindo, agitando, sacudi

como os outros; não se podem fa Eles têm que ter na sua fronte

E os factos meudos, as bolinha milhes, tambem os atingem.

Os dez reis de coisas—que a como fardos de crimes capitulares

pecto das rochas maciças do ouro Estive hoje a analisar os juizes

vidos argutos, na sua atenção cla dei-me a adivinhar o que será o n

Talvez eu me tivesse distraído E por isso da audiencia desta

que transmito aos meus leitores: —O Pretorio não está ali. Está

que lá se passa é que a gente pode dentro das quatro paredes do trib

que Ferreira Junior não se mavia a convencer de que o Banco tinha mado fazer a emissão clandestina?

1189 contos de «camarões»

E o advogado, com sobria argumentação, explica a intervenção lógica e seu constituinte nos banhos das notas, juntamente com outra pessoa, despronunciada, e muito bem.

—Como poderia deixar Ferreira Junior de acreditar no complemento de explicação de Reis, que dizia que as notas lavadas e inutilizadas seriam depois levadas ao sr. dr. Mota Gomes. As notas «camarões» foram contadas uma a uma, como se ouro fossem. 1.111 contos de notas inutilizadas, srs. juizes! Alves Reis até o fim levou o processo enganatorio. Contar notas falsas como se fossem boas, estragado com um banho, só para manter o convencimento de Ferreira Junior da sua autenticidade, e de que elas, emmasadas, eram levadas para o Banco de Portugal, e aqui inutilizadas.

—Todos os factos que eu apresento a V. Ex.ª estão nos autos. Apresento a V. Ex.ª apenas uma parte do que de autos consta, e as partes que interessam não á defesa, mas á verdade que V. Ex.ª querem conhecer, essas partes são lacradas, são ocultadas. Acusação me constituínte de conhecer os contratos. Exactamente! Exactamente porque os conhecia é que Ferreira Junior não tinha que estranhar que se movimentasse tanto dinheiro. As pessoas que carregaram massas de nota

ANGOLA E METROPOLE»

de Ferreira Junior

çado a falar

ogado
ano Silva

FEIRA AUDIENCIA JUIZES

rama.
tiualha. Depois de Waterlow, das pas-
negocios monstros, da diplomacia, do
urador da Rainha, de Angola em péso,
ento — o cisco da burla.
heira de factos, do tamanho de mon-
viais de comparsaria.
recado que se deu, o embrulho que foi
om limão.
os milhões, os patacos.
em scena.
ve de Alves Reis, sucede o pobre Adria-
ntimo do Senhor D. Virgílio.
terminou, com firmeza, embora can-
e dr. Fernando Caetano Pereira, mais
fatigados de tanta atenção despendida.
itados, de grandes bolas de dialectica
tes — esgotariam a atenção de pes-
gente se dirige, cumprimentando, adu-
to — não podem ser homens frageis
ar.
ustera o sinal da atenção.
de celuloide da parte da defesa dos hu-
usação pesa por uma balança decimal,
tem de ter para os juizes o mesmo as-
nas suas expressões lassas, nos seus ou-
dos dos cegos, que vêm pelo tacto — e
rio das suas consciências.
oje a olhar para eles.
rde eu retirei apenas este pensamento,
a alma daqueles oito homens. E só pelo
saber — o que se está de facto a passar
al.

N. DE A.

que com elas fizeram a sua vida, igno-
rando que havia contratos, essas, sim,
é que tinham que estranhar a exis-
tencia de tantas notas. E muitas dessas
pessoas foram despronunciadas, bem,
pela mesma razão porque estes estão
aqui.

Continua a apreciar o caso dos «ca-
marões». Tem esta afirmação:

— As notas queimadas no Porto não
são estas a que me tenho referido, la-
vadas por Ferreira Junior e por outros.
Este tem sido um equívoco grave que
se tem querido pôr diante dos olhos de
V. Ex.ª! As notas entregues a Adriano
Silva, para as levar para o Porto, não
foram aqueles 1.189 contos lavados e
emmassados, a que me tenho estado a
referir. Estes, foram levados a Mota
Gomes — eis o que Reis estabeleceu no
espírito de Ferreira Junior.

«Como admitir?»

O advogado relata que a certa altu-
ra, quando rebentou a campanha con-
tra o Banco Angola e Metropole, os
reus José Bandeira e Ferreira Junior, e
os srs. Chagas Roquete e Pinto de Li-
ma foram ao sr. ministro das Finanças
pedir um inquerito ao Banco. Isto é,
— alega a defesa — os reus iam entre-
gar a devassa do Governo o Banco,
onde agiam, e onde a acusação diz que
eles tinham assentado a sua cumplici-
dade.

«Srs. juizes! Se Ferreira Junior es-
tivesse conchavado com Alves Reis, cri-
minosamente, V. Ex.ª admitem, al-
guem admite, que Ferreira Junior dei-

xasse ficar no Banco, na vespera do
inquerito, um masso de notas que Reis
lhe tinha entregue? Que as tivesse dei-
xado no cofre?

E depois:

— Sim. Entregou depois esse masso
de notas a Adriano Silva. Mas não foi
imediatamente ao facto de saber que
havia um inquerito ao Banco. Não foi
atemorizado, pessoalmente, pela ideia
da devassa. Entregou-as a Adriano Sil-
va, para que Luis Viegas não as encon-
trasse, não as analisasse, não se apos-
sasse do «segrêdo do Estado», a emis-
são clandestina do Banco, que Ferrei-
ra Junior até o ultimo momento julgou
verdadeira. Imprudencia seria, sem que
Reis lhe dissesse que era azado o mo-
mento (e Reis estava em Africa) de
revelar tudo, ir deixar nas mãos do sr.
Luis Viegas o segrêdo do Estado.

O sr. dr. Campos Coelho começa a
tratar das «escalas», as escalas das no-
tas que — diz — é um dos aspectos im-
portantes do processo, as escalas que
o sr. Soares Branco, secretario geral do
Banco, dizia ha cinco anos que só po-
deriam ter sido reveladas pelo Banco
ou pelo agente de Waterlow.

Alves Reis disse no tribunal que foi
ele que descobriu as escalas sósinho. O
advogado admite que os srs juizes se
fixem na teoria da acusação, que diz
que Ferreira Junior interveiu na des-
coberta das escalas. Lendo numeros, e
depois de uma explanação tecnica, o
sr. dr. Campos Coelho afirma que Fer-
reira Junior, que copiou os nomes dos
directores do Banco nalgumas notas,
o que ele proprio naturalmente confes-
sou, não colaborou por isso na obten-
ção das escalas, não interveiu no cri-
me, como reconheceu o tribunal da
Relação, despronunciando-o desse cri-
me.

Reaberta a sessão, o advogado pros-
segue, com manifesto desejo de ter-
minar.

— Os telegramas que o sr. dr. Bar-
bosa de Magalhães, no seu trabalho,
diz serem de Ferreira Junior, são os
mesmos que o sr. dr. Antonio Osorio
na *Historia do Crime* diz não serem
de Ferreira Junior. Quero apenas sa-
liantar estas contradições.

O advogado marca que um telegra-
ma, que a acusação diz, para tirar cer-
to efeito, que foi expedido de noite, de-
pois de um jantar com Alves Reis, foi
expedido — provam-no os autos e o te-
legrama — ás cinco da tarde.

— E' este o telegrama «traidor» — a
que se refere o sr. dr. Martinho Nobre
de Melo. Numa carta de Reis que diz
que «as contas das libras de Ferreira
Junior estão certas», não ha só esta
passagem. A acusação omitiu outras
passagens. E entre elas aquela em que
Reis diz que só pelas contas de José
Bandeira se pode ver a certeza de cer-
tas conclusões numericas.

Isto diz a defesa para levar á prova
de que Ferreira Junior não teve nunca,
como presume a acusação, qualquer
escrita privada.

«Srs. juizes: a Inocencia!»

— Ferreira Junior ainda em liberda-
de forneceu a chave da cifra, como
forneceu todos os elementos que apro-
veitaram á acusação. A prova comple-
ta da sua boa fé está feita, não pre-
cisa dessa circumstancia para a refor-
çar. Mas é de assinalar que estes ho-
mens, co-reus de um unico criminoso,
foram eles proprios a carimbar todos
os seus actos, a testemunhar a sua
inocencia.

Faz o elogio de Ferreira Junior, da
sua vida honrada, limpa e trabalhado-
ra.

E termina:

— Srs. juizes: Desfiz todas as dedu-



Adriano Silva

alento ao discurso do seu advogado

ções da acusação, esse castelinho de
hipoteses, no qual se pretende encer-
rar homens que tiveram apenas boa
fé. O que a acusação pede ao juri é
uma violencia cruel e desumana! Pre-
tendeu-se fazer pressão nos julgadores
com factos deduzidos que não resis-
tem a um sério exame. Confio no es-
pirito de justiça de V. Ex.ª, srs. ju-
zes. V. Ex.ª vão promover a inocencia
de Ferreira Junior, e por essa inocencia
prestigiar a Justiça.

Fala o dr. Caetano Pereira

A's 15 e um quarto começa a falar
o sr. dr. Caetano Pereira, que cumprimen-
ta o Tribunal. O advogado de
Adriano Silva fala com serenidade,
sem declamação verbalista.

Afirma que tras ao Tribunal a Ver-
dade, e com ela a responsabilidade que
assume de todas as afirmações que fi-
zer. Folga em que o juri seja constitui-
do por juizes, garantia absoluta de
que o seu juizo não será nem precipi-
tado, nem contrario á Justiça.

Relata um facto passado com o sr.
dr. Sampaio e Melo, juiz membro do
juri, uma vez num tribunal em Setu-
bal, no julgamento de uma causa em
que, tendo-se excedido o juri na con-
denação, o juiz sr. dr. Sampaio e Melo
teve a coragem moral, contra o am-
biente da cidade toda, de dar o «ve-
dictum» do juri por iniquo, e de
mandar repetir o julgamento.

Sauda os três acusadores, com ex-
pressões de admiração e respeito. Tem
para os colegas da defesa, e em espe-
cial para o sr. dr. Armelino Junior, pa-
lavras de carinho. Refere-se tambem
lisongeiramente á bancada da impren-
sa.

O sr. dr. Caetano Pereira, á hora
em que encerramos este extracto, está
entrando na materia da sua defesa,
analizando em primeiro lugar as acu-
sações que, sobre bases frouxas, são
feitas ao seu constituinte.

3.ª feira, no São Luiz

Troika

Pelos teatros

Robles Monteiro

Depois de amanhã, definitivamente, efectua-
se, no Teatro Nacional, a récita do actor-empre-
sario Robles Monteiro, artista consciencioso e a
quem se deve a modificação por que passou
aquella casa de espectaculos. Representa-se, pela
primeira vez, a celebre peça «Marius», de Mar-
cel Pagnol, adaptada á scena portugueza com o
titulo de «Além-mar!», por Balthazar Coelho,
pseudonimo que encobre o nome dum illustre e
experimentado homem de teatro. A acção de
«Além-mar!» decorre no cais de Alcantara e
numa taberna do mesmo bairro, e passa-se en-
tre gente do mar. «Além-mar!», que já foi tra-
duzida, no espaço de dois anos, para cinco idio-
mas, tem alcançado sempre um grande êxito em
toda a parte. E' de esperar, portanto, que o Tea-
tro Nacional feche a sua temporada com outro
grande successo.

«Henrique IV»

Por motivo de não ter sido entregue até ago-
ra o scenario da peça «Henrique IV», com a qual
a Companhia Berta de Bivar-Alves da Cunha
deveria hoje reaparecer no Gimnasio, foi a «pre-
miêra» da peça adiada para a proxima quarta
feira. Os novos scenarios estão agora sendo pin-
tados pelos scenografos Sousa Mendes e Cam-
pos.

«A Bola»

Se os dias da semana servem para encher o
Teatro Avenida da melhor sociedade de Lisboa,
os sabados e os domingos têm o condão de levar
aos seus espectaculos com a linda revista «A
Bola», ali em scena, todo o publico da capital,
registando-se sempre grandes enchentes. «A Bo-
la» repete-se hoje e amanhã, no Avenida, ás
20 e 45 e 22 e 45.

Atrás do reposteiro

Fez ante-ontem a sua estreia em Vila Real de
Trás-os-Montes, demorando ali até amanhã, a
Companhia Stichini-Santos, que ali foi pela
primeira vez, obtendo um grande êxito.

— A actriz Maria Benard, que faz parte do
elenco da Companhia Hortense Luz, encontra-se
doente, motivo porque não participa da entrada
na revista «A Cigarra e a Formiga».

— Na proxima terça feira, 17, reaparece no
Teatro Variedades a actriz Maria Laura, resta-
belecida da grave doença que a fez afastar do
teatro por algum tempo.

Os artistas Chaby Pinheiro e Jesuina de Chaby
demoram-se ainda alguns dias no Algarve, de
passado, recolhendo a sua companhia a Lisboa
na proxima segunda feira, já dissolvida.

— Os figurinos do quadro «Uma mulher que
passa», com que oportunamente será ampliada
a revista «A Bola», no Avenida, são de D. Maria
Adelaide de Lima Cruz.

— Termina amanhã os seus espectaculos em
Vizeu a Companhia Maria Matos-Mendonça de
Carvalho que dali segue até á Guarda, onde rea-
liza as festas de S. João.

— Desligaram-se da Companhia Ilda Stichini
os artistas Fernanda de Sousa e Alves da Costa.
Tambem se desligou da Companhia Estor Leão-
Alexandre de Azevedo a actriz Carmen Mar-
tins.

— A festa da actriz Laura Ruth efectua-se
amanhã, em «matinée», no Teatro Apolo, to-
mando parte quasi todos os primeiros artistas
da companhia que ali trabalha e alguns dos
nossos melhores cantadores do fado.

— Para se proceder aos ultimos ensaios da pe-
ça «Além-mar!» não ha hoje nem amanhã espe-
taculo no Teatro Nacional.

— Estreia-se hoje na Guarda a companhia Il-
da Stichini-Rafael Marques, que amanhã de tar-
de trabalha no Sanatorio Sousa Martins, repre-
sentando a comedia «Os Mosquitos», e á noite na
Covilhã, numa récita de sala em honra do
Chefe do Estado.

— O empresario Artur Emauz contratou o ba-
ritono Antonio Silva, que se estreará na revista
«A Grande Parada», a subir á scena no Teatro
Variedades, na proxima terça feira, 17.

— Causou ontem um verdadeiro successo a es-
treia, no Pavilhão Português, da bailarina classica
Wanda Chilkka.

Café-Restaurant Campo Grande

Aberto toda a noite Telef. 131 LUMIAR

FRIOLEIRAS VALIOSAS

Sintra e não Cintra

Com o título "Sintra ou Cintra?" publicou o *Diário de Lisboa* um artigo do sr. Raposo Botelho em que, como se vê pelo cabeçalho, aí se debate a velha, mas já solucionada questão de qual a grafia de Sintra.

Ora, sendo um assunto já arrumado, inútil são todas as dissertações sobre ele. Mas, se o artigo de ontem, rico de citações, terminasse por aconselhar mais uma vez o que já não-lo ensinaram os mestres, não viríamos nós gastar mais tinta em tão debatido caso. Por isso que se o fazemos, é unicamente em atenção aos leitores deste jornal que menos versados sejam em assuntos filológicos, para que não sigam a falsa doutrina exposta no *Diário de Lisboa* de ontem sobre a ortografia da palavra Sintra, que aconselha a que se escreva "Cintra".

Portanto, ao escrever estas linhas, não pretendemos expor uma nova solução etimológica para o nome da tão decantada Serra, mas somente tornar mais conhecida a lição que sobre ela nos deu o Mestre da Filologia Portuguesa, o sr. Doutor José Leite de Vasconcellos, de quem nos honramos ser discípulo, ainda que o não sendo desta ciência, mas doutras em que ele é também o primeiro em Portugal, como na Etnografia, na Arqueologia, na Numismática e na Epigrafia.

E, pois, a lição deste eminente Professor que vamos reproduzir. Mas antes, seja-nos permitido fazer algumas observações ao artigo que estamos apreciando.

O sr. Raposo Botelho diz "Os romanos alatinavam os nomes próprios estrangeiros escrevendo... *Sisymbria*, *Sintria*, etc."; mas a isso não chamamos nós alatinar, mas antes, escrever correctamente, como era e como deve ser, isto é, com S e não com C. Pois que de *Sisymbria* se fala repetidamente no sec. XIII. (Vid. *Portugalia Monumenta Historica*, vol. *Leges et Consuetudines*, I, 515) — No entanto o arbitrio de mudar a letra inicial S em C (como hoje indevidamente em regra ainda vemos) foi no começo do sec. XVI, tal qual como sucedera a muitas outras, pela confusão que se estabelecera na pronúncia do S com o C ou Ç. — Dai o passar-se a escrever *Cesimbra* e *Cintra* em vez de *Sesimbra* e *Sintra* como sempre se escreveram desde o princípio da nossa nacionalidade.

A este respeito, cita o referido senhor, como razão de peso, um "comentário do Cronico Lusitano firmado nas calendas de 1109" (isto é, 1071 da era de Cristo) onde aparece Sintra escrito com C. Não podemos discutir este caso pela maneira vaga como é feita essa citação; no entanto ponderaremos que talvez se trate de algum apógrafo, e que seja essa a explicação de tal grafia. Visto que, desse mesmo tempo, citaremos nós, ao acaso, pelos muitos exemplos que há, um documento também do sec. XI (1093) onde se diz em 2 lugares "Rex Afonsus... cepit Sintriam" (*Chronica Comlutense sive Alcobacense nos Portug. Mon. Hist. vol. Scriptores*, pag. 18) e outro do sec. XII (1147) em que se diz que D. Afonso Henriques tomou Sintria aos mouros (*Chronica Comlutense*, nos *Port. Mon. Hist. vol. Scriptores* pg. 2).

Noutro passo diz o sr. Raposo Botelho: "... para que se alterou (sic) formulas que vinham correndo seculos dos nossos antepassados, e que só a acção do tempo deve evolucionar e transformar?". A este respeito diremos que concordamos em absoluto com estas palavras, mas como devem ser, isto é, considerando esses seculos que correram como os do início da nossa nacionalidade até ao sec. XVI (em que sempre se escreveu Sintra com S) e não os deste até hoje, como o interpreta o referido articulista.

Mais adiante, como que dizendo a ultima palavra, nota ainda: "E' bom, portanto, que nos entendamos.

Cintra, derivativa de *Cynthia*... e noutro lugar, de "Chinthia se derivou o nome de Cintra...". Ora, para que nos possamos entender, devemos rejeitar não só tal etimologia, mas também e muito principalmente a grafia aconselhada (*Cintra*).

E, dos exemplos citados nesse artigo para provar que Sintra se deve escrever com C (*Cintra*), diremos que, além de serem todos posteriores ao sec. XVI, a competência em materia filologica da maioria desses autores, quando não é nula, é, pelo menos insuficiente, no que respeita ao conhecimento dos principios estabelecidos pela Fonética moderna.

Mas entre todos, um ha, ao qual não podemos deixar de fazer uma referencia especial, por não lhe reconhecermos autoridade alguma em filologia portuguesa. E' ele o testemunho de Larousse contra a opinião dos nossos especialistas! A aproximação é eloquente bastante para que precise de comentario.

Ouçamos agora o mestre: "A ortografia Sintra, com S, é a adoptada pelo menos até o seculo XVI (mas talvez haja ainda exemplos do seculo XVII). Eis as provas: Seculo XII: — Geografia de Edrisi *Chintra*, onde *Ch* = S; (ed. de Jaubert, Paris 1840, p. 16 e 227).

O foral (de 1154) tem *Sintria*, vid. *Port. Mon. Hist. Leg. et cons.*, I, 384;

Seculo XIII: — *Sintria* (1261) na Chancelaria de D. Afonso III, Torre do Tombo, I, 49; *Sintra* (1286) na de D. Denis, ib., I, 173;

Seculo XIV: — *Sintra* (1336) na de D. Afonso IV, ib., 14, 4 v.;

Sintra (1382) na de D. Fernando, ib., III, 23 v.;

Seculo XV: — *Sintra* (1435) na de D. Duarte, ib., III, 46 v.; *Sintra* (1441) na de D. Atonso V, ib., II, 70;

Sintra (1482) na de D. João II, ib., II 25 v.;

Seculo XVI: — *Symtra* (1517) na de D. Manuel, ib., X, 75.

Do sec. XVI temos também com S, em Camões, *Lusíadas*, III, 58; e em Fr. Bernardo de Brito, *Geographia da Lusitania*, 1597, fol. 3; e vid. outros adiante.

Pelo menos até o sec. XVI havia em português distincção absoluta entre a pronúncia de s e a de ç. (Cf. *Estudos de philologia mirandesa*, I, 34 v.); por isso uma palavra que se pronunciava com s como Sintra, não podia escrever-se com c.

No sec. XVI, em virtude da confusão que na pronúncia do Sul se estabelecia entre s e ç, a palavra Sintra começou, como disse acima, a pronunciar-se Cintra. Por isso os eruditos e poetas que sabiam que aí tinha existido em épocas remotas o culto da Lua, mas que não sabiam que as explicações filológicas devem basear-se em documentos mais solidos que os que provém de mera fantasia, admitiram relações fonéticas entre Cintra e Cynthia, um dos epítetos latinos de Diana, deusa lunar. E' assim que numa carta dirigida por el-rei D. Sebastião ao Pontífice, em 1570, se lê *Sintrae* (apud Diogo Barbosa Machado, *Mem. para a historia de Portugal*, II, 212), forma

que tem da antiga o s, e da latina a terminação. Fr. Amador Arraiz, *Dialos*, IV, p. III, col. 2 (23 ed.), escreve *Syntra*, e falando de *Seynthia*, forma em que concorre o s e o c, diz "isto he, da Lua".

Esta falsa teoria continuou a vigorar nos seculos seguintes, até hoje — (1905). Na nota 110 da *Henriqueida*, poema de D. Francisco Xavier de Menezes, Lisboa, 1741, lê-se: "Cintra deve escrever-se com c e não com s, porque lhe deu o nome Cynthia, que he a Lua, a quem este monte era dedicado". Domingos Maximiniano Torres, da freguesia de Sintra, publicou um vol. de versos com nome arcadico *Alfeno Cynthia*, Lisboa, 1791, onde a p. 231 se diz:

Ha de Cynthia na alta serra
Uma verde penedia...

Costa e Silva, no poema *Isabel*, canto IV, p. 59, escreve "Serra de Cinthra", e no poema *Emilia e Leonido*, 1836, p. XXXIX, escreve *Cynthia* = Cintra. Mendes Leal, *Canticos*, p. 163, tem:

Ais de morte as vagas gemem;
E ao som da horrenda harmonia
Os rudes pinheiros tremem.
Sobre a Cinthia penedia...

versos a que em nota acrescenta inexactamente: "Cintra, promotorio Cinthio". Ainda recentemente o cardeal italiano Domenico Jacobini escreveu um poemeto latino com o titulo de *In Cynthia*, que foi traduzido por Prospero Peragallo no opusculo *Cintra*, Genova 1901. E mais citações podiam ainda fazer-se.

Do que fica dito resulta:
1.º, que a antiga ortografia, e portanto a preferível, é Sintra;
2.º, que a ortografia Cintra é moderna, e devida a falsas ideias historicas de eruditos e poetas.

Foneticamente, era impossivel deduzir Cintra ou Sintra de Cynthia. (1). E agora para acabar, falemos noutro ponto do mencionado artigo, não menos curioso do que os já analisados.

O sr. Raposo Botelho dá-nos a entender que lamenta o nosso grande épico ter escrito Sintra! — Camões escreveu, como o escreveria um homem da sua envergadura intelectual — Como é e como tem de ser.

(1) Dr. José Leite de Vasconcellos. *Religiões da Lusitania*, Lisboa, 1903, II, 217 (nota) e 219 (n. 5).

Pedro Bataíha Reis

N. da R. — Este artigo foi-nos entregue em 30 do mês passado, isto é, um dia depois de termos publicado o do sr. Raposo Botelho sobre o mesmo assunto.

Termas do Gerez

GRANDE HOTEL DO PARQUE
GRANDE HOTEL UNIVERSAL
GRANDE HOTEL MODERNO

Os melhores da Estância

Esplendido parque, jardins e tennis — Excepcionaes e luxuosas instalações — Quartos com
appartamentos e agua encanada quente e fria — Almoços e jantares-concerto
— Musica todas as noites — Cozinha primorosa com e sem dieta

Propriedades da EMPRESA HOTELEIRA DO GEREZ, Ltd.

que pelas suas instalações, comodidades, esmerado tratamento e boa organização dos serviços, A PAR DA MODICIDADE DE PREÇOS, se tem imposto á consideração e apreço de todos os seus frequentadores.

Serviço de ligação com a C. P. BRAGA-GEREZ e vice-versa com camiónes
tes de luxo aos principais combolos — Automoveis de aluguer e garages

Escritorio em Braga: AUTO-PALACE — Avenida da Liberdade, 42
Telegramas: HOTELEIRA-BRAGA e GEREZ
Telefone: BRAGA 232

A TABAQUEIRA

acaba de pôr à venda

livros de mortaldas de papel EXTRA d'A Tabaqueira

de qualidade mais fina do que todos os papeis
à venda em Portugal.

Livrinhos duplos de 160 folhas
simples » 80 »

todas dobradas em ZIG-ZAG, como é usual
para papeis deste genero.

Não confundir este papel com qualquer outro.
A marca d'A Tabaqueira está na capa e em
todas as folhas de papel.

Basta queimar uma folha de papel EXTRA
d'A Tabaqueira e uma folha de qualquer outro
papel, dos que ha para ali à venda, para se

reconhecer que o papel d'A Tabaqueira tem
menos cinza.

Todos os tabacos se valorisam com a quali-
dade do papel empregado.

Os preços das mortaldas de papel «EXTRA»
d'A Tabaqueira são inferiores aos do mercado
e os descontos de revenda são superiores.

O deposito d'A Tabaqueira, da Rua Augusta
n.º 25, executa entregas desde já.

Remette-se encomendas para a provincia
franco de porte, desde que sejam superiores a 16
caixas de 50 livros duplos ou 100 livros simples.

OS POLITICOS DO ANTIGO REGIME

Do livro de memórias do conselheiro Antonio Cabral

“NA LINHA DE FOGO”

transcreve-se um capítulo

Com o abrir da dissidência, recrudescu, se possível era, a campanha contra José Luciano de Castro, contra o governo, contra o partido progressista e contra os que se conservaram fiéis às suas ideias políticas e ao seu chefe. O *Dia*, em Lisboa, o *Primeiro de Janeiro*, no Porto, excediam todos os limites, no ataque repugnante ao presidente do conselho e ao ministerio. Chegou-se á baixeza de arrastar á contenda senhoras dignas do respeito de todos, somente porque pertenciam á familia de José Luciano! Com aqueles dois jornais, faziam cópia as *Novidades* e o *Século*, acompanhando-as na investida, na agressão, no insulto. Se é que os não ultrapassavam! Esfuziavam as injurias, as insinuações, as calúnias. Os que se mantinham coerentemente no seu posto de sempre, ao lado do chefe, do ministerio e do partido, eram chamados «os tabaqueiros», «a famulagem dos Navegantes», esquecendo, quem assim e em vão os tentava deprimir, que não ia longe o tempo em que orgulhosamente se jactava de ser «um criado do José Luciano»!

Ao fim de quinze dias, passados sobre a dissidência, José de Alpoim, supponho que já arrependido do seu acto de reprovável indisciplina, por intermedio de Pereira de Miranda e de Sebastião Teles, propunha a José Luciano de Castro reconciliação. A resposta foi energica e abertamente negativa.

O bom doutor Laranjo, progressista honrado e dedicadissimo, procurou Alpoim, tratando de o chamar ao bom caminho. Sei que este, entre outras coisas, lhe disse áue El-Rei não concederia ao governo a dissolução da camara dos deputados sobre a questão dos tabacos; mas, se a concedesse, ele, Alpoim, não tinha elementos para fazer eleger um só deputado seu. Era verdade, e também era, pouco mais ou menos, o mesmo que me havia dito, antes da dissidência, o sr. dr. João Pinto dos Santos, e atraz contei.

Como El-Rei deu a José Luciano e ao governo toda a força e todo o apoio, voltaram-se também contra o Senhor D. Carlos as iras dos dissidentes. Começaram, nos seus jornais, as referencias desagradáveis, as ameaças encobertas... Contou-me um amigo de José de Alpoim que este dissera «que havia de mostrar ao Rei que tanto tinha sabido lambem-lhe as botas como havia de saber incomodá-lo e provar-lhe a sua má vontade». Foi, talvez, de acórdio com estas ultimas palavras do seu chefe que um dos mais importantes deputados da dissidência me disse, pouco tempo antes, «que eles haviam de criar ao Soberano todas as dificuldades...»

Que José de Alpoim louvaminhara e adulára El-Rei D. Carlos, sempre que para isso se lhe offeria ensejo, o seguinte facto o demonstra. Quando ele era, pela primeira vez, ministro da Justiça, preveniu, uma noite, no teatro de S. Carlos, o Monarcha de que se ia publicar a segunda parte das *Liquidações politicas*, do conselheiro Augusto Fuschini, em que havia allusão, em termos desagradáveis, a um empréstimo feito á Rainha Senhora D. Maria Pia, ou que ela pretendia contrair: seria conveniente apreender... El-Rei ordenou logo ao governador civil de Lisboa, D. João de Alarcão, que apreendesse o livro de Fuschini, o que não foi consentido por José Luciano, presidente do conselho e ministro do Reino, que fez ver ao Senhor D. Carlos que a apreensão produziria pior effeito do que a publicação da obra, porque iria dar vulto a um caso que não tinha a importância que Alpoim lhe dera. Convenceu-se El-Rei, e a apreensão não se fez.

Era assim, exagerado sempre, o pobre José Maria!

Quando ele saiu do ministerio, procurei-o logo, em sua casa, onde fui, em companhia do meu querido irmão Alexandre Cabral, com o fim de ambos lhe fazermos sentir o desgosto que nos affligia por tudo o que acabava de se passar. Não o encontramos. No dia seguinte, no parlamento, abraçamos-nos longamente,

continuando, como até aí, perfumadas pela amizade, as relações que nos ligavam desde muito novos e que havia largos anos uniam as nossas familias.

Conhecedor do meu caracter, sabedor, pelo que eu muitas vezes lhe tinha dito, de que o não acompanharia se porventura ele se separasse de José Luciano e do partido progressista, dentro do qual por mim lhe fora dado sempre todo o apoio e o mais constante e desinteressado auxilio, Alpoim não se atrevêra a convidar-me para o acompanhar na dissidência. Constatou-me até que ele era o primeiro a reconhecer e a dizer — e escreveu-o — que eu o não podia nem devia seguir nesse passo, em que nunca me falou, nem directa, nem indirectamente, procedendo, assim, honestamente e como amigo. E continuámos a manter — eu pelo menos — a mesma estima de sempre, até que, mais tarde, como espero vir a contar no seu lugar proprio, os intrigantes, os invejosos, os malevolentes, abusando da sua fragueza, da frouxidão do seu espirito, energico só na apparencia, o levaram a deslaçar a amizade que desde a infancia vinculava os nossos corações. Faço justiça á memoria de José de Alpoim: não foi por seu alvedrio, sem o incitamento e o estímulo de alguns que o cercavam e tão mal o serviam, que ele atentou contra o sentimento que de longos tempos nos ligava.

Entretimentos, subira de ponto a campanha em que era alvejado El-Rei D. Carlos. A imprensa dissidente e os jornais que navegavam nas mesmas aguas... turvas, redobravam de furor contra o Monarcha. Insidias, ironias, referencias desagradáveis a retumbantes acontecimentos historicos, tudo vinha á tona daquelle mar espumante de paixões... e de interesses feridos. Evocavam-se as mais ensanguentadas revoluções populares; recordava-se a morte de Carlos I, de Inglaterra, e de Luiz XVI de França; enlodava-se o czar da Russia com o depravação da Imperatriz Catharina; reproduziam-se, intencionalmente, minucias do covarde assassinio do Rei Alexandre e da Rainha Draga da Servia, no Konak de Belgrado; glorificavam-se os marinheiros russos, que, tempos antes, se tinham sublevado, a

bordo do couraçado *Potemkine*; falava-se no latego dos cossacos, rasgando carnes e fazendo espirrar sangue; e clamava-se que o povo soberano podia depor todos os Reis e todos os Imperantes, desde que eles não exercessem como deviam a sua alta missão. Era claro, manifesto, o proposito de amedrontar o Soberano, como se fôsse para medos pueris a alma forte e nobre do grande Rei!

A prosa de José de Alpoim, nas colunas de *O Dia* e nas *Cartas de Lisboa*, que *O Primeiro de Janeiro* publicava, tinha lalvos rubros e reflexos atoqueados. Ao fim da leitura daqueles periodos candentes, dava logo vontade de repetir ao impetuoso e ardente jornalista aquellas palavras que o medico de Marat disse um dia ao sanguinario redactor do *Amigo do povo*: «Tu escreves vermelho, Marat. E' preciso que eu te sangre».

A par das ameaças disfarçadas, dirigidas a El-Rei, os jornais dissidentes e os que lhes iam na albeta batiam o compasso no coro de elogios e gabos com que insensavam o Principe Real. Tudo era louvar-lhe o tino e a prudencia, a sisudez e a circumspecção, para, assim, insinuarem que todas estas qualidades faltavam ao Senhor D. Carlos! Nas *Novidades*, o jornalista Barbosa Colen muito achegado a José de Alpoim e aos dissidentes, foi um dos corypheus desta campanha, a que, mais tarde, em conversa comigo, se referiu.

O plano era fazer abdicar El-Rei, levar ao trono o Principe Real e, com este, José de Alpoim ser presidente do conselho de ministros!

Donde veio áquellas cabeças esquentadas ideia tão extravagante e tão absurda?

Oalvez do antecedente que vou referir.

O *Correio da Manhã*, de quarta-feira, 17 de outubro de 1888, em artigo de fundo certamente do seu director, o notavel jornalista Manuel Pinheiro Chagas, revelava que em 1882 Mariano de Carvalho e Emydio Navarro tinham tramado uma conspiração — que não fora por diante — com o fim de fazer abdicar El-Rei D. Luís e aclamar Rei o então Principe Real, D. Carlos. Seria aquella conjuração gorada a scentella que fez nascer na imaginação encandecida dos dissidentes progres-

sistas e dos seus adherentes o plano es-trambotico de levar El-Rei D. Carlos á abdicção?

E' possível. E', até, provavel.

Fôsse, porém, ou não fôsse, o que é positivo é que a abdicção do Senhor D. Carlos foi tratada, umas vezes, no campo dos principios, outras, ás claras, como indispensavel para pôr cobro á agitação politica. Chegou-se a dizer que na camara dos pares do Reino seria apresentada a proposta de abdicção do Soberano, e que o apresentante seria o sr. conselheiro João Arroyo, que tão indispuesto e malavindo continuava a andar com El-Rei, que não trepidou em criticar, tempos depois, num discurso violento, o facto de Sua Magestade ter dado hospedagem no seu Paço ao marquez de Soveral, de quem era amigo particular! Não dei credito áquella atoarda. E' certo, porém, que a abdicção de El-Rei foi assunto de conferencias secretas, de resoluções tomadas em reuniões, onde se combinaram também as insubordinações dos marinheiros tripulantes dos cruzadores *D. Carlos* e *Vasco da Gama*. Dessa insurreição espero dar conta mais adeante aos meus pacientes leitores. Também conto voltar a occupar-me da planeada abdicção.

O odio dos dissidentes ao Monarcha era tão feroz e tão violento, que um dos mais graduados membros daquelle grupo, e deputado, referiu ao secretario de um dos ministros de então que fora traçado o plano de meter El-Rei a bordo de um navio de guerra e fazel-o aproar ao exilio. E, como lhe fôsse ponderado que a realização de tal plano era difficil, senão impossivel, a resposta foi que nada havia mais facil do que subornar o comandante da guarda do Paço das Necessidades, insubordinar a guarnição de um barco de guerra, submeter, pela força, os officiaes fiéis ao Soberano, e, com outros officiaes envolvidos na conjura, prendel-o e levá-lo para bordo e depois para o desterro!

A seguir, surgiu a campanha dos *schius* nos theatros de S. Carlos e de D. Amélia. Quando El-Rei e a Familia Real entravam no seu camarote, levantavam-se, respeitavelmente, os espectadores, o que originava um certo ruido. Imediatamente, alguns dissidentes e republicanos, com assento na plateia, silvavam, produzindo com os beijos um prolongado e grosseiro *schiu*! Não era que os incomodasse o leve rumor causado pelas pessoas de boa educação, que, de pé, saudavam gentilmente o Monarcha. Era o desejo acintoso e descortez de mostrarem o seu desgosto ao Senhor D. Carlos. Uma noite de opera, no teatro lyrico, o deputado dissidente, visconde da Ribeira Brava, que viria a acabar tão desgraçadamente, varado por balas, numa rua de Lisboa, fazia-se notar pelo modo como, sem rebuço nem disfarce, lançava os seus *schius* insolentes e atrevidos.

Eram estas as «manifestações nos theatros», organizadas e postas em pratica pelos dissidentes e de que eles viriam, mais tarde, a gloriar-se e a desvanecer-se! Em *O Dia*, de 11 de Outubro de 1910 sob o titulo *Os antigos dissidentes*, num artigo, escrito, sem duvida, por José de Alpoim, referia-se este, com orgulho, a essas «manifestações».

Simultaneamente, espalhavam-se aos quatro ventos do azul noticias falsissimas sobre a situação do Tesouro, sobre a confusão que reinava na contabilidade publica, sobre as tempestades medonhas que perturbavam e toldado ceu da politica. A conclusão era sempre que o culpado de todas estas desgraças, que enegreciam o futuro da Patria, era El-Rei D. Carlos.

E como o Soberano, altivamente, desprezava todas as ameaças, todas as calúnias e também as infamias que lhe assacavam; como se não vergou a cominações nem se deixou vencer pelo temor dos males que lhe anunciavam, balas assassinas, disparadas á traição, cortaram, mais tarde, aquella vida preciosa, fazendo cair sobre Portugal o seu sangue generoso em copiosa chuva de desventuras!

ANTONIO CABRAL

BITONI (Italia)

MAXIMA CLASSE: Pão, Massinhas, Farinhas, etc., ao gluten e ipergluten, d'insuperavel regimen para os **diabeticos**. Alimento leve e nutritivo para doentes, convalescentes, anemicos e crianças fracas. Massas Refinadas Extra Luxo, em pacotes e avulsas. Especiais, com puro ovo, em bolsinhas e pacotes originaes. Leguminosas, etc. **Tudo isento de corantes.**

A' venda nas boas mercearias de Lisboa a preços economicos

Exigir a marca original BITONI

Agencia BITONI

Torrinha, 130—PORTO

VINHO NUTRITIVO DE CARNE

O melhor e o mais recomendado pela Medicina, como tónico reconstituente, levanta as forças, dá robustez, e é empregado com exito por todos os convalescentes

A' venda em todas as Farmacias e Drogarias

DEPOSITO GERAL:

FARMACIA FRANCO, FILHOS
R. de Belem, 18 a 22—LISBOA

Quer a sorte grande?
Habilite-se na tabacaria MADRID
Rua do Mundo, 115

Sortes grandes?
só o PINA se vende
R. de S. Paulo—77

CARTAZ

FEATROS

Apolo - A's 20,45 e às 22,45 - «Senhor da Serra».
Avenida - A's 20,45 e 22,45 - «A bola».
Maria Vitoria - A's 20,30 e 22,30 - «Pé de vento».

ANIMATOGRAPHOS

311, Luiz O'Neil - A's 21,30.
Tivoli - A's 21.
Olympia - A's 15 e às 20,30.
Central Cinema - A's 21.
Cinema Condé - A's 21.
Cidade Terrace - A's 21.
Odeon - A's 21.
Favilão Português - Cinema e Variedades.
Royal O'Neil, Rua da Graça, 100 - A's 21.
Max O'Neil, Rua Barão de Sabrosa (ao Alto do Pina) - A's 20,30.
Salão Ideal - A's 20,30.
Eden Cinema - R. Alvim.
Dancing's
Maxim's - Baile e Variedades.
Bristol Club - Baile e Variedades.

TEATRO APOLO

HOJE - 2 sessões - 8,45 e 10,45

revista

Senhor da Serra

ampliada com o quadro novo

D'alto abaixo

Fado do marinheiro por Sales Ribeiro

Importantissimo Leilão

DE ANTIGUIDADES E OBJECTOS DE ARTE

Sob a direcção de E. H. de Moser

DOMINGO, 15, pelas 13,30, e segunda-feira, 16, às 21, e outros dias que oportunamente se anunciarão

A afamada firma Calabresi, Ltd., cessa de exercer o seu commercio de antiquaria que todo o publico de Lisboa muito bem conhece, tanto mais pelo seu estabelecimento tem passado verdadeiras preciosidades artisticas e, sem duvida, dos mais fornecidos que se encontram entre nós. Tendo sido encarregado de proceder á liquidação do seu recheio, por meio de hasta publica imponho-me o dever de convidar os meus amigos e clientes a não deixarem de comparecer nos dias citados para leilão, na Rua Eugenio dos Santos, n.º 50, pois é certo que boa oportunidade se lhes oferecerá para adquirirem em boas, mesmo bellissimas condições, tantas e tão variadas peças que vão ser leiloadas. Não tento menciona-las, nem sequer fazer um esboço descriptivo, tão larga é a quantidade e vasta a diversidade dos objectos existentes.

Para esclarecimentos ou recebimentos de ordens, favor de se me dirigirem ao meu escritorio.

Rua de S. Nicolau, 42 — Telefone C. 2111

MONTEPIO GERAL

Associação de Socorros Mutuos — Fundada em 1840

Assembléa Geral Extraordinaria

Convoco a Assembléa Geral a reunir em sessão extraordinaria no proximo dia 23 de Junho de 1930 pelas 21 horas, sendo a ordem dos trabalhos:

Parecer da Comissão eleita em sessão da Assembléa Geral de 5 de Fevereiro de 1930, a fim de elaborar o projecto da construção de casas para os socios do Montepio Geral.

Lisboa e Sala das Sessões da Assembléa Geral em 6 de Junho de 1930.

O Presidente da Mesa

a) João Ferreira Craveiro Lopes de Oliveira

MONTEPIO GERAL

Associação de Socorros Mutuos — Fundada em 1840

Assembléa Geral Extraordinaria

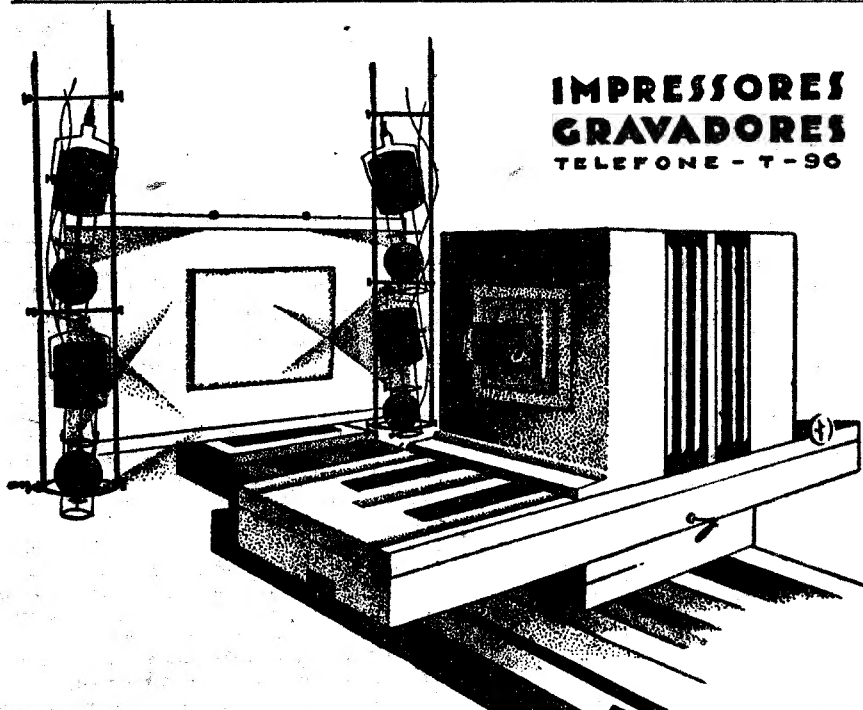
Convoco a Assembléa Geral a reunir em sessão extraordinaria no proximo dia 7 de Julho de 1930 pelas 21 horas, sendo a ordem dos trabalhos:

Parecer da Comissão eleita em sessão da Assembléa Geral de 7 de Dezembro de 1929, a fim de se pronunciar sobre a conveniencia e oportunidade da alteração dos Estatutos.

Lisboa e Sala das Sessões da Assembléa Geral em 6 de Junho de 1930.

O Presidente da Mesa

a) João Ferreira Craveiro Lopes de Oliveira



IMPRESSORES
GRAVADORES
TELEFONE - T-96

BERTRAND IRMÃOS, L^{da}

TRICROMIA — FOTOGRAVURA — ZINCOGRAFIA — DESENHO

SECÇÃO ESPECIAL DE GRAVURA PARA JORNAIS

Trabalhos Tipográficos

Composição Mecânica e Impressão de Catálogos, Revistas, Postais, etc., etc.

TRAVESSA DA CONDESSA DO RIO, 27 — LISBOA

Quer a sorte grande?
Habilite-se na tabacaria MADRID
Rua do Mundo, 115

POLICLINICA DA RUA DO OURO

Entrada: Rua do Carmo, 98, 2.º — Telefone N. 5353
DR. ARMANDO NARCISO — Medicina, Coração e pulmões — 5 h.
DR. BERNARDO VILAR — Cirurgia Geral, operações — 5 h.
DR. MIGUEL DE MAGALHAES — Rins e vias urinarias — 10 h.
DR. CORREIA DE FIGUEIREDO — Pele e stífilis — 12 e 5 h.
DR. LOFF — Doenças nervosas, electrotetrapia — 2 h.
DR. MARIO DE MATOS — Doenças dos olhos — 2 h.
DR. FRANCISCO CALHEIROS — Garganta, nariz e ouvidos — 4 h.
DR. MENDES BELLO — Estomago, figado e intestinos — 3 h.
DR. FILIPE MANSO — Doenças das crianças — 12 h.
DR. CASIMIRO AFONSO — Doenças das senhoras, operações — 2 h.
DR. A. CARVALHO DIAS — Nutrição e impaludismo — 4 h.
DR. ARMANDO LIMA — Boca e dentes, protese — 12 h.
DR. ALEU SALDANHA — Rato X — 4 h.
ANALISES CLINICAS

Declara-se para os devidos efeitos que por escritura de 16 de maio de 1930 lavrada nas notas do notario Tavares de Carvalho desta comarca, foi prorrogada a duração da sociedade Almeida Navarro Limitada, passando agora a ser por tempo indeterminado.

Revogação de mandato

Para os devidos efeitos se publica que por notificação judicial de 5 do corrente, ordenada pelo Juiz de Direito da 6.ª Vara Cível, desta comarca, foram revogados a D. Julia Horta Supardo Barbara, viuva, moradora na rua Pinheiro Chagas, n.º 15, desta cidade, todos os poderes que seu genro Antonio Alberto Madeira Machado e sua esposa D. Rosa Horta Supardo Barbara Machado, residentes em Coimbra, lhe haviam conferido em procuração de 12 de Novembro de 1929.

Lisboa, Junho de 1930.

O advogado,

José Maria Galvão Teles

Viagens entre Lisboa, Sintra, Cascais e Estoril

A C. P., a Sociedade «Estoril» e a Cooperativa Lisbonense de Chauffeurs estabeleceram um optimo serviço combinado, que permite percorrer o conhecido triangulo de turismo cujos vertices são Lisboa, Sintra e Cascais. Com effeito, no dia 5 deste mês serão postos á venda, nas estações do Rossio e Cais do Sodré, bilhetes que permitem fazer aquele percurso num ou noutro sentido, com demora em Sintra ou Cascais, como mais convenha aos passageiros, os quaes terão apenas que indicar, á partida de Lisboa, qual a carreira de camioneta que desejam utilizar. O horario destas carreiras está afixado nas estações de caminho de ferro.

Termas de Melgaço

CORPO CLINICO

Prof. Mark Athias
Dr. Silverio Ferreira Gomes da Costa
Assistente da Faculdade de Medicina

FUNÇIONAM de 1 de Junho a 30 de Setembro estas magnificas termas, notaveis para o tratamento dos diabetes, clor-anemiados, artriticos, dispepticos, ulcerados do estomago, enteriticos, albuminicos, neurastenicos, histericos, etc.

Balneario com todo o conforto

VIDAGO e PEDRAS SALGADAS

As grandes e melhores estancias de repouso e cura de doenças do estomago, rhins, figado, diabetes, asthma, artritisimo, etc.

VIDAGO

CORPO CLINICO:

Prof. Dr. Moraes Sarmiento, Director clinico
Prof. Dr. Maximino Correia
Dr. Ismael Gambôa, Adjunto

ESTAÇÃO TERMAL, de 1 de Junho a 10 de Outubro — Distancia de Lisboa, 503 kilometros, e do Porto, 156 kilometros. Distancia de Pedras Salgadas, 12 kilometros por estrada surpreendente e caminho de ferro, carreiras de autobus e automoveis de aluguer. Serviço de comboios rapidos desde 1 de Julho. Clima suave, sem bruscas mudanças de temperatura.

PARQUE — Com o seu esplendido lago para regatas, jogos ao ar livre, tenis, patinagem, croquet e outras muitas distrações.

HOTEIS

VIDAGO PALACE HOTEL — Grandes melhoramentos, (apartamentos) e quartos com agua corrente quente e fria, etc. Telefonia sem fios. Telefones em todos os quartos. Bailes todas as noites, etc. Diarias Normais. Aberto desde 1 de Julho a 30 de Setembro. Pedidos de informações a Cezario Delgado: até 15 de Junho, no Park Hotel, Lisboa, e dessa data em diante, no Vidago Palace Hotel.
GRANDE HOTEL — Diarias desde 30\$00. Aberto de 1 de Junho a 10 de Outubro. Concessionario: Manoel Fontans.

PEDRAS SALGADAS

CORPO CLINICO:

Dr. Cascão d'Anciães, Director clinico
Dr. Mario Bernardes Pereira, Adjunto
Dr. Heitor da Fonseca, Adjunto

ESTAÇÃO TERMAL — de 1 de Junho a 10 de Outubro. Altitude 600 m., acima do nivel do mar. Distancia de Lisboa, 495 kilometros, e do Porto, 145 kilometros. Distancia de Vidago, 12 kilometros, por estrada pitoresca e caminho de ferro, carreiras de autobus e automoveis de aluguer. Serviço de comboios rapidos desde 1 de Julho. Clima de montanha, media altitude extraordinariamente calmante.

PARQUE — Jogos ao ar livre, tenis, patinagem, croquet, lago para regatas e outros atractivos.

CONCOURBOS HIPICOS OFICIAES — Dos mais brilhantes e concorridos do paiz, de naciaes e hespanhoes, em esplendido campo expressamente apropriado.

CASINO — Salas de baile, de jogos, cinema, variedades e representações, concertos, festas á Americana, etc. Esplendido sexteto com Jazz.

HOTEIS

AVELAMES — Grandes melhoramentos, taes como apartamentos completos, quartos com agua corrente quente e fria, etc. Aberto de 15 de Junho a 30 de Setembro. Diarias desde 40\$00. Concessionarios: Cezario & Ramalho.
GRANDE HOTEL — Aberto de 1 de Junho a 30 de Setembro. Diarias desde 35\$00. Concessionarios: Solleiro, Alvarez & C.
HOTEL DO NORTE — Renovação de mobiliario e outros melhoramentos. Aberto de 1 de Junho a 10 de Outubro. Diarias desde 30\$00. Concessionarios: Narciso & Ribeiro.
HOTEL DO PARQUE — Antigo Club Hotel — Aberto desde 1 de Junho a 10 de Outubro. Diarias desde 30\$00. Concessionario: Atilano Rodrigues.

Redução de 20 0/0 nos hotéis acima mencionados, desde a data da abertura até 30 de Junho.

Consideraveis melhoramentos nos balnearios das estancias de Vidago e Pedras Salgadas com as mais modernas instalações de electro-terapia. Raios X, laboratorios para analyses completas e outras, farmacia, etc. Agua potavel abundantissima e magnifica, recentemente captada, tanto em Pedras Salgadas como em Vidago.

Ligações ferro-viarias facilis, com comodidade de restaurantes, diariamente, de Lisboa e Porto, em carruagens directas á Regoa, e seguimento rapido, também em caminho de ferro, até ás Estancias. Quaesquer informações sobre hotéis, devem ser pedidas aos seus concessionarios, que melhor poderão, de pronto, prestar esclarecimentos.

Um chapéu para senhora de bom gosto?
No Salão de
LAURA MARINHO
R. N. Trindade, 9-2.º D.
Esquina do Chão — Ascensor

ESTRANGEIRO

“ARTI”
famosas tintas para
tingir em casa

O QUE VAI LA' POR FOM

Poeira do Mundo

Asuero na Argentina

BUENOS AIRES, 14

Continua o processo contra o dr. Asuero, por exercício ilegal de medicina, ante o interesse apaixonado da opinião pública. O juiz instrutor, dr. Ortega, mandou chamar o famoso médico à sua presença, dando-lhe parte da acção judicial. Em seguida decretou a sua prisão preventiva. Asuero saiu em liberdade sob fiança.

Antes, o clínico espanhol fora recebido pelo Presidente da Republica, tendo sido acompanhado pelo Ministro do Interior. Essa visita ao sr. Irigoyen calcula-se que tenha relação com o que se passa.

A guerra na China

CHANGAI, 14

Anuncia-se que 2.000 comunistas tomaram as minas de ferro de Tayen e raparam a guarda chinesa composta de 600 homens.

Os comunistas também se apoderaram do porto marítimo de Hwang-Shih-Kang.

Visita de personalidades galegas

Conforme já foi noticiado, chegam no dia 16 a Lisboa, no «rapido» de Vigo, os srs. drs. Amado Garra e Ramón Salgado, de Vigo; D. Enrique Peinador, de Mondariz; o ex-deputado provincial D. Benito Fernandez Caldeira, de Vilasobroso; e D. Antonio Prietto, de Puentearas.

A numerosa colónia galaica prepara-lhes uma entusiástica recepção, tendo-se organizado, em honra dos seus compatriotas, uma excursão a Mafra, Sintra, Cascais e Estoril no dia 17, para terem ocasião de admirar as belezas naturais e artísticas dos arredores da capital.

No dia 18, na sala da Juventude de Galicia, rua da Madalena, 259, 1.º, será feita uma conferência subordinada ao tema «Galicia y sus problemas».



Se os experimentar jamais
os podera dispensar
CIGARROS

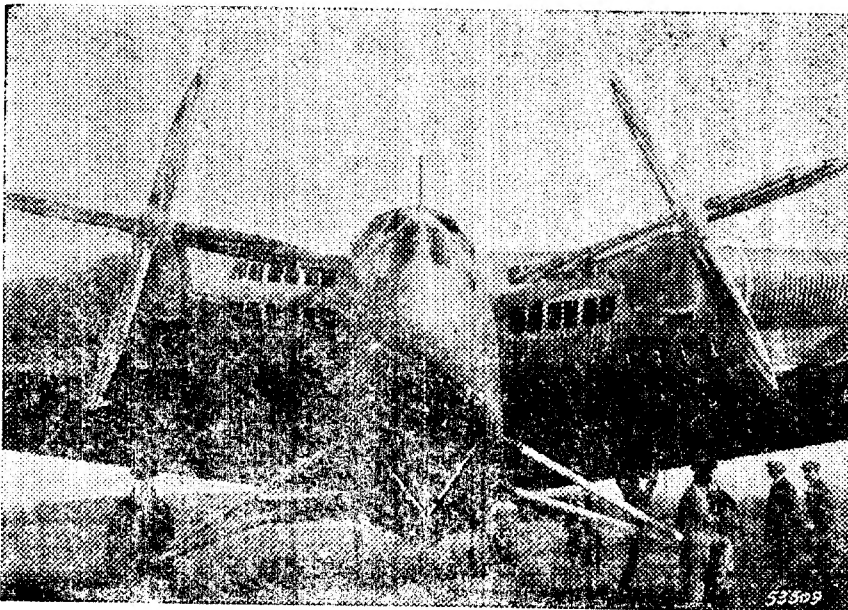
CRAVEN

Importadores Viuva Contreras & Filho.

A HORA DA AVIAÇÃO

Os jornalistas alemães

fizeram um passeio aereo de 10 horas



O Junkers gigante — que é o maior avião do mundo

BERLIM, 13. — Todos os jornais berlinenses se ocupam largamente do passeio aereo de dez horas que 26 jornalistas alemães acabam de realizar no Junkers «G. 38» — que é o maior avião do mundo e que constitui a consagração definitiva do celebre professor e construtor de aviões Hugo Junkers.

O aparelho — que partiu de Dessau às 6 horas da manhã — só aterrou às 4 da tarde, tendo voado sobre Dessau, Hamburgo, Stettin, Magdeburgo, Bremen, Dresde e Berlim.

Às 7 horas da manhã, foi servido o pequeno almoço, feito na cozinha de bordo. Ao meio dia, serviu-se o almoço, também feito na mesma cozinha. Depois, como o vento e a chuva fossem fortíssimos, muitos dos jornalistas delataram-se sobre as camas, entregando-se a varias leituras, nos intervalos entre as cidades cujo panorama podia interessar. E até às 4 horas, o «bar» de bordo serviu consecutivamente cocktails e outras bebidas, mostrando-se todos os passageiros encantados com o delicioso voo que lhes foi proporcionado.

A imprensa publica, sobre o gigantesco Junkers os seguintes detalhes que oferecem bastante interesse.

O avião mede 45 metros, duma ponta á outra da aza; tem 23 metros de comprimento e 5 de altura; pesa, vazio, 13 toneladas, e em pleno voo, 20 a 25; é movido por 4 motores Junkers com uma potencia total de 2.400 cavalos, a aza tem uma espessura de 2 metros, tem um trem de aterragem, com travões ás 4 rodas, foi construído para o transporte de 50 passageiros e de mercadorias; e já conquistou este ano 5 «récores» mundiais. — (E.)

QUATRO DE INFANTARIA

Por ERNST JOHANNSEN

O MAIS importante livro sobre a Guerra. TRADUZIDO EM 12 LINGUAS, PUBLICADO EM FOLHETINS DE 48 JORNAIS DIÁRIOS e realizado UM FILME SONORO PELA NERO-FILM E STAR FILM. GRANDE SUCESSO!

A' venda em todas as livrarias do país. Preço, 10\$00; pelo correio, 11\$00. Livraria Renascença, J. Cardoso — Rua Poiais de S. Bento, 27-29 — Lisboa

Sortes grandes? Quer a sorte grande?

só o PINA as vende

75 — Rua de S. Paulo — 77

Habilite-se na tabacaria MADRID

Rua do Mundo, 151

O QUE VAI LA' POR FOM

Poeira do Mundo

A morte de Segrave

LONDRES, 14.

A morte de Sir Henry Segrave no desastre ocorrido ontem no Lago Windermere, depois de ter batido o «récore» do mundo, causou profunda emoção em todo o país, prestando-lhe todas as pessoas os mais calorosos elogios e homenagens pela sua competência e coragem que aliadas a uma profunda modestia fizeram dele um dos mais populares desportistas de Inglaterra.

O «Times» diz que pela sua coragem, decisão, vitalidade e dedicação a um fim, sir Henry Segrave deu o exemplo a todos.

Homem de génio, no seu campo, deve ser incluído no numero dos que têm merecido a distinção da sua classe e o seu nome será recordado com honra e saudade.

O «Manchester Guardian» diz que Henry Segrave se perdeu na imortal tentativa de disciplinar as forças da Natureza para fins humanos. Como os homens que morreram quando procuravam tornar o voo mais rapido e mais seguro para todos, nós, Segrave estava tentando estabelecer experimentalmente o andamento que pode ser normal para os nossos netos. O barco rapido vai ser, sem duvida, o pai da mais rapida e ainda mais segura embarcação a motor que possamos imaginar e o bravo feito de Segrave passará á posteridade, como um empreendimento heroico.

LONDRES, 14.

Continua a dragagem proximo do local em que o «Miss England II» se afundou, mas, no entanto, o corpo do mecanico Halliwell ainda não foi encontrado.

Estão-se fazendo investigações sobre as causas do acidente, mas a teoria mais geralmente aceite é de que, devido á grande velocidade, um dos degraus saiu do seu lugar, fazendo assim com que o barco se voltasse.

O casco do «Miss England» tem uma forma muito semelhante á dos flutuadores de um hidro-avião, isto é, quasi chato e com um degrau proximo da proa, destinado a conservar uma certa quantidade de ar, de modo a permitir que a proa saia facilmente da agua logo que começa a ganhar velocidade.

Foi este degrau que cedeu. Metade do degrau do lado de bombordo e o fundo falso fugiram para a frente da proa e o barco voltou-se.

Aparentemente, a madeira cedeu á forte pressão da agua e aos ligeiros saltos.

Quando foi tirado da agua, as primeiras palavras de sir Henry Segrave foram: «Batemos o «récore».

A Direcção do Automovel Club de Portugal telegrafou ao Royal Automobile de Londres, apresentando condolências pelo falecimento de sir Henry Segrave.

NOVO COLEGIO LEONÊS
FUNDADO EM 1916 S. JOÃO DO ESTORIL

Altol Varêta abriu Casa de lotarias, na rua de S. Paulo, 97, e continua a ter a Sorte Grande!

Como cronómetros

funcionam os motores
empregando

Auto-Gazo

Gazolina anti-detonante

VACUUM OIL COMPANY

Fabricantes dos Oleos Gargyle Mobiloil



ODEON HOJE
às 21 horas
Grande poema cinematográfico
MARIA DO MAR
Sensacional filme de aventuras
O Mascara Negra

ULTIMAS NOTICIAS

RUGRA
são as melhores
Navalhas de barba
Tesouras de costura,
barbeiro, manicure, etc.
Laminas para barbear

UM "SENTIMENTAL"

Vai ser internado no manicómio

um homem que tinha o fraco
de se apaixonar por actrizes

Está preso no Torel e vai ser internado no Manicómio um carpinteiro que tem a desgraçada pècha de se apaixonar pelas «estrelas». Pelas estrelas de teatro, bem entendido.

Actriz que o publico aplaude e tenha o nome destacado nos cartazes, é paixão certa para o pobre iludido do amor.

Criva-as de cartas em declarações fogosas, manda-lhes flores com bilhetes inflamados, espera-as á entrada e á saída, persegue-as nas ruas, vigia-lhes as residências, chega a aplaudir-las também durante os espectáculos como soem fazer outros que nós conhecemos e que se dão ares de ajuizados...

Ha uma senhora, artista de verdadeiro merito, que já se viu obrigada a deixar de representar durante dois dias, para fugir á perseguição do maluco, a tal ponto chegando a teima do homenzinho, que não houve remedio senão prendê-lo.

— Elas gostam de mim, que se pelam... vangloria-se ele.

— Gostam agora de si... Nem sabem se você existe!

— Ha, Sim?... Mas quando eu lhes bat, as palmas, nos espectáculos, vêm logo ao palco e até me fazem cortezias, e até me atiram beijos... O que eu estranho é que nenhuma tenha vindo visitar-me cá á prisão... Se calhar, são os maridos que não deixam.

Certo é que o pobre carpinteiro, está reduzido á miséria por causa daquela paixão por quantas mulheres bonitas aí andam nos palcos da capital.

Empenhou tudo para frequentar os teatros e comprar flores; deixou de trabalhar; bateu na mulher por ela não ser artista, e vai acabar por ter que representar, á força, no Manicómio, o papel de doido, depois de voluntariamente ter desempenhado o de parvo na tragi-comédia que ele proprio inventou e pôz em scena.

Faleceu esta tarde

o sr. Filipe de Jesus

A' hora a que fechamos o nosso jornal, chegamos á noticia de ter falecido em sua casa o sr. Filipe de Jesus, uma das vítimas do desastre de automovel que ha dias ocorreu em Évora.

O sr. Filipe de Jesus, que era uma das pessoas mais consideradas nos meios agricolas, tinha tomado ultimamente parte em varias campanhas jornalísticas qque tinham por fim o aumento de produção.

Durante o periodo franquista exerceu uma acção de relevo junto do ditador, tendo abandonado mais tarde a politica para se dedicar á administração da Casa de Bragança.

BEBAN de a. u. a. u. a. u.
Vidago (le 2), Pedras Salgadas, Melgaço e Sabroso
as UNICAS aguas alcalinas portuguesas premiadas com GRAND PRIX na Exposição de Sevilha.
A agua das nascentes VIDAGO apresenta no rotulo o
VIDAGO PALACE HOTEL
Fixe bem o rotulo

Redidos a
VIDAGI, MELGAÇO & PEDRAS SALGADAS
PGRT0 — Rua da Cancellaria Velha, 29 — Telef. 319
LISBOA — Av. da Liberdade, 132 — Telef. T. 4296
Entregas imediatas ao domicilio

Costa do Sol
ALMOÇOS E JANTARES TODOS OS DIAS
Restaurante do Casino Internacional
MONTE ESTORIL

A LOTARIA DE HOJE

O numero 18 "apanhou" os 3.000 contos que foram divididos em partes iguais entre Lisboa e Porto

Hoje foi a primeira lotaria extraordinaria de 1930, que em importancia é a segunda do ano, sendo apenas excedida pela do Natal que tem como premio maior 6.000 contos.

A's 11 e meia, procedeu-se á introdução das bolas nas esferas, que foi dirigida pela sr. Bartolomeu da Graça, chefe da repartição da Assistencia.

Registam-se hoje duas inovações, na extracção das lotarias: as bolas com os numeros e com os premios são imediatamente expostas ao publico num dos corredores da Santa Casa; e cada um dos preegoiros tem na mão um microfone que leva os numeros e os premios a um «haut-parleur» instalado no largo de São Roque, onde, durante a lotaria, estacionou uma grande multidão.

Dentro da sala, também era numerosa a assistencia, tendo presidido ao acontecimento—que se iniciou ao meio dia—o sr. Sebastião Silva, chefe da Contabilidade e secretario das lotarias, secretariado pelo representante da autoridade, sr. Madeira de Carvalho, e pelo 2.º official sr. Augusto da Costa Cabral.

A primeira bola a sair foi a 753 que teve 1.600 escudos, ou seja «o mesmo dinheiro». Cinco minutos depois o primeiro premio de 6 contos—que coube ao numero 3963. E, logo a seguir, o preegoiro Joaquim da Costa Garnecho gritou:

—18!
E o seu colega Joaquim Sequeira respondeu:

—Três mil contos!
Foi um reboliço na sala. Alviçareiros a correr para darem a noticia aos cambistas; gente que se desinteressava da extracção, desde que a taluda já não lhe podia sair...

O 18 fôra a vigesima bola.
Frases ouvidas:
—Que raio de numero!
—Podiam oferecer-mo, que eu não o comprava!

Como se ali, naquelas esferas metálicas que distribuem dinheiro e desilusões, os numeros não tivessem todos as mesmas probabilidades!...

Após dois minutos de perturbação natural, a extracção continuou normalmente, servindo de conferentes os srs. Joaquim Pacheco Cid e Bartolomeu da Graça, e de representantes do povo os srs. Pedro Amado e João Alves.

Sairam numerosos premios de 1.600 escudos, alguns de 6 e 3 contos, e ás 12 e 32 coube ao n.º 5679 o quarto premio: 60 contos.

Garnecho apregôa os premios em

resposta a Manuel Afonso que canta os numeros.

A's 13 horas, interrompe-se a extracção que recomeça dez minutos depois, com Manuel Afonso nos premios e Francisco Gomes nos numeros.

A's 13 e um quarto, sai o terceiro premio: 150 contos—que cabem ao numero 3392.

Falta o segundo premio.

Finalmente, ás 13 e 45, José Rocha apregôa:

—1489!

E Francisco Gomes dá-lhe a resposta que faz debandar quasi toda a assistencia:

—Seiscientos contos!

O bilhete n.º 18—a que couberam os três mil contos, é um numero certo da casa Campeão que vendeu metade em quadragessimos, em Lisboa e mandou o resto para a casa Costa Campos, do Porto.

O n.º 1489—a que tocaram os seiscentos contos—foi vendido pela casa João Rodrigues da Costa, da rua da Prata. E o 3392—que ganhou cento e cinquenta contos—é um numero da casa Testa.

Numeros mais premiados

18.....	3.000 000\$00
1489.....	600.000\$00
3392.....	150.000\$00
5679.....	60.000\$00
657.....	6.000\$00
708.....	"
1031.....	"
1783.....	"
2870.....	"
3963.....	"
4043.....	"
7617.....	"
8108.....	"
8162.....	"
158.....	3.000\$00
198.....	"
1552.....	"
3114.....	"
3568.....	"
4210.....	"
4318.....	"
5342.....	"
5352.....	"
7284.....	"
7482.....	"
7588.....	"
7869.....	"
8044.....	"
8275.....	"
8498.....	"
9647.....	"
9776.....	"
9810.....	"
10257.....	"

A
CASA "VARETA"
da Rua de S. Paulo,
10, 97, vendeu hoje
o 3.º premio:
150:000\$00

GRAN-
DE PALPITE
PARA A PRO-
XIMA LOTARIA!!!

MONUMENTAL CLUB
Ballet New-York Folies Lorenz

NO SEIO DA S. D. N.

Começou em Genebra a discussão

em volta da velha questão do
trabalho forçado nas Colonias

Como era de esperar, a Conferencia Internacional de trabalho começou por apreciar a questão de trabalho obrigatorio nas colonias.

Em que termos?
Como se sabe, tendo sido o ano passado debatido em Genebra o problema, a S. d. N. dirigiu um inquerito aos países coloniais procurando colher elementos para formar um juizo definitivo.

Tendo recebido diversas respostas o Bureau Internacional de Trabalho elaborou um anti-projecto de convenio que vai ser agora discutido.

O artigo primeiro desse documento estabelece a supressão do trabalho obrigatorio, depois de um periodo de transição e ressaltando aquelas circunstancias excepcionais em que a conduta dos governos tem deser norteada pelo superior interesse nacional.

O convenio definiu o que é trabalho obrigatorio, indicando las modalidades porque ele terá de ser substituido, e concretamente as condições em qu poderá ser substituido.

A discussão, segundo indica, vai ser interessante e animada.

Os partidarios da regulamentação de trabalho forçado julgam, e com razão, ter ganho a partida.

Os países que possuem colonias aceitam, de uma maneira geral, a regulamentação. Além disso os representantes dos trabalhadores de todos os países adoptam entusiasticamente essa formula.

Um deles, o francès Jonhaus, já fez a afirmação de que o trabalho obrigatorio desaparecerá imediatamente.

Portugal ha muito que fez desaparecer das suas colonias o trabalho obrigatorio. A sua posição é excepcionalmente favoravel tendo os seus representantes, para tratar o caso, uma autoridade superior.

A' hora a que escrevemos, está-se realizando na Biblioteca Nacional a reunião dos membros fundadores da Associação Portuguesa para a Sociedade das Nações, que se vai occupar da revisão do Estatuto e da nomeação do Conselho.

Lisboa Moderna

Conforme ontem annunciámos, inaugurou-se hoje, na rua de S. Paulo, um luxuoso estabelecimento de cabeleireiro e barbeiro de que é proprietario o sr. Joaquim Dias dos Santos e que tem sido muito admirado.

As obras desta casa estiveram á cargo do sr. Carlos Gomes Correia, que as dirigiu com muita proficiencia.

Casa das Carteiras

na rua da Prata, 100

vende malinhas, carteiras, pastas e todos os seus artigos com grandes abatimentos, devido ás obras que vae fazer para ampliação das suas instalações

100, Rua da Prata, 100

PAVILHÃO PORTUGUÊS

CINEMA E VARIEDADES AO AR LIVRE POR 1260 COM LIVRE
ENTRADA NO PARQUE MAYER
GRANDE EXITO DA BAILARINA CLASSICA
WANDA CHILKA
Exibição da comedia cinematografica
MUITO PADECE QUEM AMA!
com o genial actor Conrad Nagel
AMANHÃ o grande filme **MOSCA NEGRA**